

**CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE ITABAIANA**

RILDO VIVALDO TELES

**LEITURA DE CORDEL: performance na declamação de
folhetos infantis**

ITABAIANA-SE

2020

RILDO VIVALDO TELES

LEITURA DE CORDEL: performance na declamação de folhetos infantis

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE DE ITABAIANA – da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jeane de Cássia Nascimento Santos

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

T2691 Teles, Rildo Vivaldo
Leitura de cordel: performance na declamação de folhetos infantis
/ Rildo Vivaldo Teles ; orientação: Jeane de Cássia Nascimento Santos.
– Itabaiana, 2020.
100 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal
de Sergipe, 2020.

1. Língua portuguesa. 2. Literatura de Cordel brasileira 3. Literatura
brasileira. 4. Incentivo à leitura. I. Santos, Jeane de Cássia Nascimento,
orient. II. Título.

CDU 82-91:37.035

RILDO VIVALDO TELES

LEITURA DE CORDEL: performance na declamação de folhetos infantis

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE DE ITABAIANA – da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 21/02/2020

BANCA EXAMINADORA

Presidente - Prof.^a Dr.^a Jeane de Cássia

Membro externo - Prof. Dr. Alberto Roiph Bruno

Membro interno – Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes

**ITABAIANA-SE
2020**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares por estar ao meu lado em todos os momentos de dificuldade. Sem eles dificilmente chegaria à etapa final deste Mestrado.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Jeane de Cassia Nascimento Santos, minha competente orientadora, pela contribuição, disposição e capacidade.

À Capes pelo relevante apoio desde o início do curso e por ter me concedido a bolsa de estudo.

Aos docentes do mestrado, sem exceção, pelo profissionalismo e sabedoria na execução do importante trabalho de ministrar as aulas.

Aos colegas professores, à direção e ao pessoal de apoio da escola onde trabalho por participar da prática, contribuindo cada um ao seu modo.

Aos alunos da turma em que foi realizada a pesquisa pelo envolvimento e pela troca de conhecimento durante o processo.

Ao meu amigo poeta e professor José Roberto Santos Queiroz pelos constantes incentivos e pela revisão de meu trabalho, feita com a competência de um amante e artesão das palavras.

Aos colegas do mestrado pelo companheirismo e pela troca de saberes.

RESUMO

A presente produção versa sobre a prática de leitura de folhetos com temáticas adequadas ao universo infantil. A Literatura de Cordel é um gênero promissor na ampliação da capacidade expressiva oral e da escrita da criança por possibilitar formas variadas de leitura, como a maneira silenciosa individual e/ou em voz alta para um público ouvinte. As ações pedagógicas foram desenvolvidas numa escola de pequeno porte, localizada no Distrito São João da Fortaleza, município de Cícero Dantas-BA. O trabalho prático em sala de aula teve como objetivo principal desenvolver a capacidade expressiva oral e performática do aluno e, conseqüentemente, despertar o gosto pela leitura do cordel. A realização das leituras feitas pelos alunos de 5º ano do ensino fundamental deu-se por meio de oficinas divididas em 4 etapas, denominadas, respectivamente: Apresentação, Contextualização, Preparação e Acontecimento Performático. O percurso prático teve seu direcionamento voltado para a leitura performática e dinâmica, a partir da declamação do folheto “Forró dos animais”, de Antônio Barreto. No percorrer das oficinas, houve a participação gradativa dos alunos que se envolveram com a ludicidade do poema, possibilitada pelo uso da voz e do corpo ao fazer a leitura rítmica e performática do cordel. Como resultado, elaborou-se um material audiovisual para as possíveis avaliações e, na perspectiva de proporcionar outros trabalhos semelhantes, foi produzido um tutorial pedagógico como material didático a ser usado por outros docentes. A pesquisa e prática tiveram como aporte teórico, metodológico e pedagógico os estudos de: Hans Robert Jauss (1979), Annie Rouxel (2014), Vicente Jouve (2014) Ana Maria de Oliveira Galvão (2010) Paul Zumthor (2014 e 1993), Edilene Matos (2007), Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro Alves (2012).

PALAVRAS-CHAVE. Cordel. Performance. Leitura.

ABSTRACT

The present production deals with the leaflets reading practice with appropriate themes to children's universe. Cordel Literature is a promising genre for children expansion of the capacity for oral and written expression, enabling various ways of reading, like the individual silent mode one and/or the aloud reading to an audience of listeners. The pedagogical actions were developed at a small school in São João da Fortaleza district in Cicero Dantas municipality. The practical work in the classroom had as main objective the development of the student oral expressive performing skills, and consequently stimulate the Cordel reading. Pleasure the reading carried out by the 5th (fifth) grade elementary school students, took place through workshops divided into four parts, named, respectively: Presentation, contextualization, preparation and performance the practical. Way was directed towards the performatic and dynamic reading, from the declamation of the leaflet "Animals forró" by Antônio Barreto. During the workshops, there was gradual participation of students, involved in the playfulness of the poem, that it was possible by the body and voice use, when the rhythmic and performing reading of the cordel was made. As a result, an audiovisual material was developed for possible examinations and, aiming to provide other similar work, a pedagogical tutorial was produced as a teaching tool to be used by other teachers. The researching and practicing were theoretical, methodologic and pedagogical supported by the studies of: Hans Robert Jauss (1979), Annie Rouxel (2014), Vicente Jouve (2014) Ana Maria de Oliveira Galvão (2010) Paul Zumthor (2014 e 1993), Edilene Matos (2007), Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro Alves (2012).

KEYWORDS. Cordel. Performance. Reading.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	Leitura Literária.....	13
2.1.1.	Por uma leitura estética e a ideia de recepção.....	22
2.2	Entendendo o Cordel	25
2.2.1	Cordel: oralidade e performance poética.....	36
3.	METODOLOGIA	42
4.	ANÁLISE DE DADOS.....	47
4.1	Primeira Etapa: Apresentação.....	51
4.2	Segunda Etapa: Contextualização.....	52
4.3	Terceira Etapa: Preparação.....	56
4.4	Quarta Etapa: Acontecimento performático.....	59
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICES.....	69
	ANEXOS.....	95

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que visa a promoção do desenvolvimento do aluno, de qualquer faixa etária e em qualquer nível de instrução, é tornar-se grande desafio quando o professor se depara com a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras das classes populares. Espaços onde, às vezes, observamos desprezo por parte da classe política, e esse é um dos fatores que dificulta o processo educativo. Nesse caso, o docente precisa ser um agente educativo engajado na causa social de transformação da realidade na qual se encontra.

Uma das maneiras de se atuar de forma transformadora é desenvolver práticas que incentivem o gosto pela leitura, trata-se de uma arma poderosa contra a opressão sofrida pelas pessoas de baixa renda. Essa ação deve ser adequada ao contexto cultural dos alunos envolvidos no processo de promoção e aquisição do letramento e, conseqüentemente, do conhecimento.

Diante das considerações levantadas aqui, desenvolvemos um trabalho voltado para a melhoria da formação leitora do aluno do 5º ano de uma escola pública do interior baiano. Uma prática educativa em prol da ampliação da capacidade expressiva e do gosto pela leitura. Tendo em vista que se trata de alunos pertencentes ao universo rural e à classe popular, trabalhamos uma literatura que compreende os aspectos culturais do contexto no qual a escola está inserida, sem deixar de lado a força artística que funciona como fio condutor na busca do prazer estético.

A escola onde ocorreu a pesquisa prática está localizada no Distrito São João da Fortaleza, a vinte e nove quilômetros de Cícero Dantas – BA. É uma instituição de pequeno porte, na qual tem sete salas e funcionam cinco turmas, duas na modalidade multisseriada. Não dispõe de biblioteca e nem de sala de leitura, tem uma diretoria e, acoplada a esta, funciona a cozinha. Não há sala de professores nem espaço para atividades artísticas e/ou recreativas. Há dois computadores com acesso à internet via wi-fi e um acervo pequeno de livros.

Quanto ao público de atuação do presente trabalho, é composto por alunos pertencentes à faixa etária por volta dos onze anos. Assim, os textos apresentados na pesquisa prática abordam temáticas que envolvem elementos agradáveis às crianças. Escolhemos o material de leitura pensando na interação delas, para que essas se

sentissem envolvidas e representadas no momento de contato com a obra, o que também influencia na aproximação do público infantil com o texto.

Desse modo, o trabalho realizado e descrito nesta produção está voltado para a promoção da leitura de alunos do ensino fundamental I, 5º ano, e busca o desenvolvimento da performance na apreciação e divulgação do texto da Literatura de Cordel¹. A princípio, fizemos o estudo detalhado da teoria selecionada, principalmente da que se refere à leitura poética em sala de aula. No prosseguir da pesquisa, buscamos, através da coleta de dados na escola alvo, entender o envolvimento dos alunos com o cordel e o grau performático desses na exposição oral do material poético.

Procuramos e demarcamos uma meta a seguir, assim, almejamos desde o início da pesquisa aprimorar a capacidade expressiva oral do aluno na apresentação/declamação do cordel, de tal forma que o mesmo conseguisse utilizar a voz (com tom, timbre e ritmo de fala) e o corpo (com gestos e expressões faciais) de forma coerente com o gênero, assunto e contexto da leitura poética. Além desta pretensão majoritária, primamos pelo despertar do gosto dos estudantes pela leitura do texto poético, incentivando o prazer estético da obra por meio da performance na transmissão e recepção do cordel.

Trabalhar a Literatura de Cordel numa perspectiva performática tem sua relevância na ativação do prazer, possibilitada pela dinâmica do texto transmitido oralmente. Além disso, é importante destacar o benefício para o desenvolvimento da capacidade expressiva do aluno. É possível que em algumas etapas da vida escolar e social o estudante/cidadão se depare com desafios que exijam boa capacidade oral para expor suas ideias e projetos. Dispor de boa expressão por meio da oralidade pode ser decisivo no sucesso pessoal e profissional. Não se pode esquecer, ainda, que, para este aluno fazer uma boa leitura vocal no padrão estrutural do poema ou da prosa, precisa manter o ritmo necessário, a fim de que haja boa compreensão do que está sendo lido. Tais capacidades descritas anteriormente podem ser desenvolvidas se forem respeitadas as exigências rítmicas de uma leitura performativa.

Como sequência prática do trabalho, tendo como contribuição pedagógica os preceitos de Helder Pinheiro Alves (2012 e 2018) e Ana Cristina Marinho (2012), dividimos o trabalho em três oficinas voltadas para a promoção do conhecimento

¹ Usaremos o termo grafado com inicial em letra maiúscula para particularizar a modalidade literária trabalhada.

sobre cordel e performance, e mais um momento de atuação dos alunos – foi quando esses apresentaram suas desenvolvuras desenvolvidas nas etapas anteriores.

A primeira etapa das oficinas, dedicamos à apresentação da Literatura de Cordel aos alunos, para tanto, foi oportunizado um momento de contato com folhetos de diversos autores do universo cordelista. Para o segundo passo, explanamos o conceito e histórico do cordel, além do seu poder pedagógico. Também apresentamos, de forma prática, como se caracteriza uma leitura poética. Na terceira parte, planejamos a preparação das leituras performáticas dos alunos; um momento de ensaios e de ampliação do conhecimento prático acerca da performance.

É importante destacar que, quando nos referimos à leitura performática, estamos aludindo ao momento de declamação do texto poético, como o cordel, de forma oral, num tom de voz que seja acessível aos ouvidos de um público ouvinte e com uma linguagem corporal que consiga atrair a atenção e promover a compreensão de leitores, ouvintes e espectadores do texto oralizado.

O momento final, chamado de *Acontecimento Performático*, concretizamos com a gravação das performances dos alunos e a produção de um material pedagógico, um tutorial, para posteriores utilizações como guia de trabalho com a leitura performática. A prática de ensino com a performance pode ser entendida como uma ação com características híbridas: é pedagógica por buscar desenvolver a capacidade do aluno, mas também é artística ao lançar mão de uma linguagem que aproxima com as artes cênicas e com as musicais.

Para melhor apresentar o processo de construção dessa pesquisa, atrelada ao trabalho em sala de aula, dividimos este material escrito, uma dissertação, em partes distintas e correlatas. Após a presente introdução, fizemos um levantamento bibliográfico que desse suporte à pesquisa. Primeiro apresentamos a fundamentação teórica, dividida em três partes, tendo como primeira, a abordagem sobre a leitura literária baseada nos preceitos da Estética da Recepção com Hans Robert Jauss (1979) e Wolfgang Iser (1979). Ainda como suporte teórico para o enfoque literário, temos as ideias de Annie Rouxel (2014) e Vicente Jouve (2014), entre outros consagrados teóricos no campo da literatura. Após o levantamento de ideias sobre a leitura literária, é possível ler sobre a caracterização do cordel brasileiro e sua contribuição temática para leitores e ouvintes no Nordeste e no Brasil afora a partir dos estudos, principalmente, de Márcia Abreu (2008), Ruth Terra (1983) e Ana Maria de Oliveira Galvão (2010). Na última seção, ainda destinada à teoria, trouxemos o

estudo sobre a performance do cordel, embasado nos postulados de Paul Zumthor (2014 e 1993).

Quanto à Metodologia, apresentamos a caracterização metodológica da pesquisa prática no local de atuação do profissional e pesquisador, o que perfaz umas das facetas da *Pesquisa-ação*, defendida por Michel Thiollent (1986).

Por último, na seção destinada ao trabalho prático, a leitura conduz para a descrição das atividades desenvolvidas em sala de aula, com os alunos sendo ativos na pesquisa e contribuindo para a realização e concretização dos objetivos pretendidos.

Para o alcance dos objetivos e das metas na educação, dependemos de um trabalho comprometido e das variáveis durante o processo, assim, este trabalho escrito demonstra o planejamento e as intensões de mudanças. Os resultados alcançados comprovam que a utilização do cordel nas aulas de Língua Portuguesa precisa ser mais frequente porque se trata de um gênero que possibilita o diálogo com diversas linguagens do campo artístico, configurando-se como importante material para a formação do leitor literário e para apreciação artística, por meio da leitura lúdica e/ou estética.

A partir do recorte do cordel explorado aqui, percebemos que o trabalho com a performance é uma metodologia poderosa na ativação do gosto pela leitura poética e no desenvolvimento da capacidade de expressão oral.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Leitura Literária

O ensino de literatura, embora não seja uma preocupação nova, ainda precisa ser discutido nas academias e nos meios em que se tenham profissionais com incumbência de oferecer a oportunidade de desenvolvimento intelectual e o deleite por meio da leitura de obras que consigam chamar a atenção dos alunos. Com esta afirmação, acreditamos que é preciso chegar a um consenso, ou próximo disso, em torno da aceitação de que é necessário haver transformação na maneira de oportunizar a leitura do texto literário nas aulas, sobretudo, de Língua Portuguesa. Não é que não se tenha profissionais comprometidos com a promoção do saber de si e do mundo a partir das palavras mediadas por uma linguagem artística, mas, notamos, principalmente quando é proposta a leitura de textos nos livros didáticos trabalhados nas aulas, que as metodologias não alcançam as pretensões em torno da formação do leitor literário. Trata-se, na maioria dos casos, de uma leitura superficial com o intuito apenas de contemplar um determinado conteúdo pré-estabelecido pelo currículo escolar.

A prática de leitura literária deve ser direcionada para o desenvolvimento social e intelectual do aluno. Sabemos que

a literatura é um instrumento de denúncia e de exercício de direito, o exercício do texto literário é um esforço que conduz ao exercício da cidadania; negá-la à escola é negar o desenvolvimento crítico e social do aluno (COSTA, 2018, p. 21).

Oferecer a oportunidade de contato com a produção pertencente ao campo da literatura somente por meio de exercícios de interpretação superficial e pelo reconhecimento e/ou classificação de elementos gramaticais na escrita não contempla uma formação cidadã pelo viés da linguagem literária.

Percebemos, desse modo, que em sua essência as práticas de leitura literária no ensino fundamental não são bem difundidas. Os textos literários até aparecem no programa de ensino ou em uma seção do livro didático, contudo, em sua maioria, com propostas que não condizem, necessariamente, com a perspectiva de reflexão e desenvolvimento por meio da leitura do material pertencente ao campo da literatura, nem tão pouco com intuito de aproximar o aluno aos aspectos estéticos da criação

artística. Há casos em que o texto aparece como pretexto para estudar, em partes isoladas, ocorrências de exemplos gramaticais sem buscar entender os sentidos possíveis na produção artística. São mais raros ainda casos em que explorem elementos estéticos do texto, ficando o professor, desse modo, preso aos métodos e propostas dos materiais que lhe são oferecidos. Por outro lado,

quando o professor passa a escolher textos em função de suas características estéticas, demonstra reconhecer o valor literário desses textos. Diante de sua própria seleção, cria um repertório e não fica dependente das antologias presentes em livros didáticos. Quando conhece o texto, isto é, quando já leu, analisou e interpretou, o professor tem mais possibilidade de provocar em seus alunos a afeição pela leitura ou, para usar os termos de Barthes, tem a oferecer e a estender (ROIPHE, 2012, p. 60).

O conhecimento literário do professor é elemento crucial para se oferecer oportunidades de novas leituras favoráveis ao contato do aluno com aspectos estéticos. O uso somente do livro didático e baseado na proposta do currículo do ensino, não oportuniza o contato com o universo literário na perspectiva do valor artístico da obra. Ler o texto sem intenção definida e planejada e nem voltada à exploração de elementos condizentes com aspectos de literalidade, não significa que haja uma formação do leitor literário. É preciso explorarmos os sentidos ocultos que a produção literária oferece. Para quem ler, é fundamental ter a oportunidade de mergulhar no labirinto de possibilidades interpretativas, e isso é negado ao aluno.

Nas escolas não é raro encontrarmos práticas superficiais de exploração do texto sem evidenciar o encanto da linguagem e/ou a mensagem com potencial reflexivo. Esse fator não condiz, de certo, com a leitura propriamente dita literária. Difícilmente se formará leitores competentes oportunizando atividades carentes de reflexão e prazer.

A problemática se agrava ainda mais quando envolve o trabalho com a leitura poética. Nos livros didáticos podemos encontrar alguns exemplos de poemas, no entanto, raramente, se explora seu valor estético. Sugestões de práticas com a leitura oral, que é uma instância a ser privilegiada na transmissão e recepção poética, são também raras. Na contramão da perspectiva estética, não é difícil encontrar conteúdos gramaticais exemplificados em textos consagrados da literatura sem, ao menos, discutir o sentido e a proposta formal e/ou artística da linguagem do texto poético.

É importante frisarmos que, historicamente, há vertentes do texto poético escritos para a exposição oral, quase sempre com a finalidade de repassar ideias e

valores por meio da voz de um leitor consagrado, que faz o papel do declamador, para outros leitores que exercem a função de ouvintes. Neste acontecimento, que condiz numa inter-relação de perspectivas de leitura variadas em um só recorte de tempo e espaço. A exposição, que utiliza os mecanismos da voz e, concomitante, do corpo, pode influenciar na estética do texto que sai do papel e ecoa nos ouvidos do público. Este aspecto da poética oral também se ausenta nas práticas escolares de leitura.

Como se não bastasse, há uma tendência em apresentar ao estudante uma leitura pretendida pelos manuais de ensino, baseado em uma tradição literária que, às vezes, parece distante da realidade do aluno. Em outras palavras, busca promover o contato com a leitura usando obras pertencentes a contextos distantes da realidade que do aluno do Ensino Fundamental, o mesmo pode não entender ou não perceber correlação com sua vivência. Isso afasta o interesse da leitura destes materiais que, embora muito rico de reflexão e esteticamente aceitável para um público consagrado, é alheio aos anseios das crianças e dos adolescentes.

Tal perspectiva de promoção da leitura do texto literário se prende somente às ideias de que literatura alinha-se à cultura do intelectual, do erudito, uma visão que remonta aos séculos passados. É o que esclarece Vicente Jouve (2012):

Etimologicamente, devemos lembrar que a palavra “literatura” vem do latim *litteratura* (“escrita”, “gramática”, “ciência”), forjado a partir de *littera* (“letra”). No século XVI, a “literatura” designa, então, a “cultura” e, mais exatamente, a cultura do letrado, ou seja, a *erudição*. “Ter literatura” é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras (JOUVE, 2012, p. 29).

Mesmo sendo uma concepção conservadora, esta pode ser observada nas teorias literárias atuais e ainda são transportadas para as práticas de ensino que tem como objetivo principal a formação do leitor literário. Não é prudente deixar de reconhecer a importância de acessar os escritos que compõem a tradição literária de um país, mas entender que somente a leitura do cânone é o único caminho para formar leitores na escola, condiz com uma visão fechada e passiva de contestação. Há elementos desses textos canônicos que podem não ser atraentes e nem perceptíveis aos alunos em formação.

É importante oportunizar para público de alunos outros tipos de literatura que, embora não sejam considerados eruditos, apresentam um valor estético inegável e acessível ao público que habita as escolas. Assim, as nossas aulas precisam

contemplar “o texto poético como prioridade, considerando a sua natureza estética e a diversidade de temas abordados tanto pelos autores canônicos quanto por aqueles que estão fora do cânone” (SOUZA, 2016, p. 23-24). A Literatura de Cordel, por exemplo, é um gênero apreciável por crianças e adolescentes devido aos seus variados recursos estéticos como, a composição escrita abundante de rimas e métricas bem elaboradas, as variadas narrativas, o humor e a possibilidade de compartilhamento através da performance oral; uma categoria literária, de fato, atraente e dinâmica. Sendo o cordel um texto poético, consegue despertar diversas sensações no leitor, pois a arte da poética toca a emoção do destinatário. “A poesia é, sobretudo, para muitos, a maior expressão artística do homem, portanto é muito importante garantir a nossos alunos essa convivência com poemas” (*idem*).

O conceito de literatura continua possibilitando novas interpretações e definições. Quando transportado ao ensino, abre espaço à concepção de cultura literária apresentada por Annie Rouxel (2013), ela expõe a oposição entre a visão próxima da ideia de imposição intelectual (a cultura é baseada na legitimação de um acervo consagrado) e outra que permite a ativação da subjetividade do leitor, reconhecendo a existência de uma cultura que se apoia na escolha individual e, portanto, mais dialógica. Para melhor entendimento, as palavras da estudiosa são esclarecedoras:

A cultura literária entendida como capital cultural composta de um conjunto de dados factuais, identificáveis e quantificáveis (trata-se com frequência de obras legítimas) se opõe uma cultura literária interiorizada, concebida como uma “biblioteca interior”, que integra obras conhecidas ou reconhecidas com dados singulares, eventualmente virtuais ou imaginários (ROUXEL, 2013, p. 19).

O ensino moderno pautado na promoção do saber, e baseado em uma postura dialógica e democrática, não foge, totalmente, de uma visão conservadora. Todavia reconhece que pode haver uma postura flexível. Para tanto, a aceitação de que não existe uma fórmula infalível e inexorável de acessão do aluno através da leitura literária é fator fundamental. O material bibliográfico é também um elemento que carece passar pelo crivo da democratização e flexibilização.

Promover a leitura literária passa pela amplitude do material escrito e/ou oral a ser utilizado nas aulas de Língua Portuguesa, o que possibilita o acesso de um número maior de leitores. Quando o trabalho está preso à perspectiva cultural centrada no acervo que constitui o cânone, fecham-se os caminhos de contato com a literatura.

Para conceber a arte literária um “direito”, como bem atesta Antônio Candido (1988), é preciso entendê-la como campo amplo de saber, isso porque

a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 1988, p. 174 – 175).

A afirmação do notório crítico dá à literatura aspectos extensivos no que se refere a sua classificação, reconhecendo a existência de subdivisões e modalidades. De certo, para promover o direito, só aceitando que todas as manifestações citadas são modalidades literárias. Essas podem ser trabalhadas na escola em busca da formação da cultura literária do aluno. Na aplicação prática do presente Trabalho de Conclusão Final, corroborando com Candido, introduzimos a modalidade cordel como parte da ampla categoria literária nas aulas de Língua Portuguesa para proporcionar ao aluno do ensino fundamental uma leitura híbrida ao explorar a escrita, por meio das estrofes editadas no folheto, e a oralidade, através da declamação dessas estrofes para um público ouvinte. Nosso intuito foi tornar mais prazeroso o trabalho com a literatura e conceder o direito que é dos estudantes.

Neste contexto de discussão, é importante apontarmos outra tendência reducionista de promoção da leitura que demarca apenas uma visão das classes dominantes. Trata-se da utilização de um único material, o livro didático, entendido por muitos como uma bíblia a ser utilizada, o que reforça o discurso do dominador, isso porque “os valores que os textos do repertório escolar transmitem, em sua maior parte, são os das classes dominantes” (CHIAPPINI, 2005, p. 167). O docente que tem o livro fornecido pelo sistema como único e consagrado material de apoio, torna sua prática reprodutora da homogeneização do saber, atitude que desconsidera, em sua totalidade, o caráter diversificado dos leitores que frequentam os bancos escolares. Diante desta constatação, é oportuno desmitificar o livro didático, basta “driblar a tendência à adoção do livro único. Basta instaurar como norma pedagógica o confronto, o conflito e o debate” (*idem*). Para haver o diálogo ou escuta, é necessário possibilitar o contato com outros materiais de leitura que não os impostos pela escola no início do ano letivo.

Com uma postura democrática do ensino de leitura, podemos chegar à subjetividade de um número maior de leitores, isso se deve ao fato de que uma prática que reconhece a diversidade promove a participação de todos no processo de formação do leitor literário. Ponderamos, então, que “não existe interpretação linguística possível, mas no máximo, impacto emotivo e sugestão extralinguística” (ECO, 2004, p. 35). Cada sujeito necessita enxergar na leitura traços de sua personalidade individual e coletiva. É fundamental que o texto lido faça alguma menção dialógica, direta ou nas entrelinhas, à vivência cultural do leitor para que este conduza uma leitura que faça sentido para si.

Pensando na possibilidade interativa entre o texto e quem faz a leitura, a escola, apegada apenas aos textos do livro didático, não consegue influenciar todos os leitores, os quais, por conseguinte, não enxergam, nas leituras que fazem, momentos de interação. O que está expresso nas palavras que eles leem é alheio às suas expectativas reais. Com base em Umberto Eco (2004), podemos inferir que o livro didático postula um leitor específico, modelo, prever um aluno que esteja disponível, a nível de interesse e capacidade, para enveredar no universo interpretativo proposto pelo currículo.

O livro didático pode sim alcançar seus objetivos com determinados estudantes, contudo, sabemos que a sala de aula é um espaço de diversidade, cada aluno tem sua vivência cultural que pode ser semelhante e pode ser diferente do outro. Acreditamos ser, de certa forma, perigoso o uso de um único material de leitura, como bíblia, de formação do leitor, ele não terá “impacto emotivo” de todos e, possivelmente, a totalidade de aprendizes não fará “sugestões extralinguísticas” a partir da leitura. Segundo Eco, “um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa” (ECO, 2004, p. 37). O leitor pretendido ou postulado pelo texto inserido no livro didático pode não frequentar os bancos escolares. É possível ocorrer também que a proposta de atividade do referido material didático ajude a distanciar ainda mais o aluno das pretensões do autor de um texto literário, devido à falta de aproximação do sentido estético à realidade do estudante que ler.

A leitura literária é uma prática de transformação e atribuição de sentidos diversos ao mundo acessível ao leitor. “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa

manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2012, p. 17). É fundamental que texto literário tenha um espaço privilegiado no universo escolar para oportunizar aos alunos o acesso a uma variedade de sentidos que só a literatura permite.

O professor é conhecedor das práticas de leitura de seu aluno. O mesmo profissional, sendo também um pesquisador engajado nas causas sociais, compreende o valor da literatura para o crescimento intelectual e social do estudante e, por isso, precisa repensar constantemente seu fazer pedagógico para promover o letramento através do texto adequado ao planejamento que reconheça as especificidades da turma. Assim,

para entender a leitura, os pesquisadores têm cada vez mais superado a visão do livro e dos textos em geral como soltos no espaço e no tempo, para vê-los como indissociáveis da sociedade e da história, o que implica ter em conta não apenas sua feitura, mas também as funções que são levados a exercer por meio do aparelho literário (CHIAPINI, 2005, p. 172).

A promoção efetiva do acesso às práticas de letramento que envolve o texto literário, seja ele canônico ou não, precisa ter intenção definida e relacionada com a vivência do estudante. Compreendemos ser a melhor maneira de proporcionar a ele o caminho para o seu desenvolvimento intelectual, pessoal e social, visto que o mesmo terá melhores oportunidades de entender criticamente e agir no mundo ao seu redor.

Sendo assim, o trabalho com o gênero cordel se configura como importante para escola situada em contexto rural, onde as manifestações com aspectos populares são bastante marcantes porque facilita a percepção da realidade a ser feita pelo aluno. A literatura de Cordel é promissora na inserção do aluno no universo da leitura, sobretudo, porque transita entre o oral e o escrito. A criança desde cedo participa de práticas lúdicas centradas na oralidade, cabendo à escola, por meio de práticas pedagógicas, ingressá-la, paulatinamente, no universo das palavras escritas. Elucidamos que a linguagem do texto cordelista funciona como relevante ponte entre os dois eixos linguísticos: o oral e o escrito.

A realização do trabalho poético e lúdico por meio do cordel em sala de aula permite o diálogo entre o sentido do texto e o universo do aluno e deve ser oferecido de forma corriqueira na escola, sem santificar uma modalidade literária em detrimento de outra. O que está em jogo aqui não é mais o que ensinar na disciplina de literatura

e Língua Portuguesa, e sim como proceder diante do texto e do aluno, como tornar a literatura um bem consumível pelo estudante.

Podemos destacar ainda outra tendência reducionista de apresentação do texto literário para o aluno: é a prática voltada apenas à apreensão formal de elementos textuais, esquecendo os mecanismos de ativação do prazer pela leitura. Novamente a visão de utilização de um repertório cultural privilegiado perfaz como necessidade fundamental na formação do indivíduo em construção intelectual. Segundo Rouxel (2014), é um fato recente no ensino o reconhecimento do leitor; a leitura, tradicionalmente, parte da intenção somente do professor, baseado em seu repertório pessoal e em seleções auferido pelo sistema de ensino, assim a formação efetiva do leitor fica longe de acontecer.

A autora em debate esclarece o fato ao ressaltar que “na realidade das aulas do ensino básico e mesmo, às vezes, na educação infantil, a leitura exigida repousa sobre uma série de observações formais que entravam no investimento pessoal do leitor” (ROUXEL, 2014, p. 20). Não considerar os anseios do aluno em relação à leitura pode causar uma aversão ao texto, dificultando, desse modo, o gosto pela leitura.

Sugerimos que, com base nos estudos Rouxel (2014) e nos postulados de Eco (2004), para formar o leitor em sala de aula, é preciso abrir mão de uma metodologia predefinida que não leva em consideração a identidade individual e coletiva que permeiam a formação cultural do estudante.

Já sabemos que o autor de um texto, como estratégia, “preverá um Leitor Modelo capaz de cooperar para a atualização como ele, o autor, pensava, e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente” (ECO, 2004, p. 39). O aluno pode não ser o leitor modelo previsto pelo texto que está sendo usado nas aulas de leitura, desse modo, o papel do professor como mediador se traduz em oportunizar o contato do discente com uma produção escrita a qual ele possa ser o destinatário.

As leituras devem ser plurais - e as metodologias também - para oportunizar ao leitor a escolha de textos adequados a sua formação pessoal. A imposição, em alguns casos, não consegue oferecer a oportunidade de inserção do aluno no universo literário por conta da possível repulsa ocasionada por uma leitura não atraente ou por um método com base em análises apenas formais e fechadas com alto teor acadêmico. A partir dessa constatação, é relevante certificarmos que

a cultura literária não é esse absoluto, esse ideal em direção ao qual deve tender o sujeito, mas um espaço simbólico composto às vezes de referências comuns e outras vezes de referências pessoais reconfigurada por sua subjetividade (ROUXEL; LANGLADE; REZENDE, 2004, p. 168).

Não dá para falar de formação de leitor sem reconhecermos sua subjetividade. Para tanto, é importante sondarmos as suas peculiaridades, seus gostos e, em alguns casos, seu comportamento diante de determinado material de leitura. Na sala de aula, o planejamento necessita passar pela sondagem da turma para, assim, flagrar as perspectivas e referências de leituras comuns e individuais. Quanto à metodologia, é indispensável conhecermos o perfil da turma, a formação pessoal e cultural dos alunos participantes das atividades de promoção da leitura literária.

Para a prática de leitura realizada e apresentada nesta produção, buscamos seguir um direcionamento pedagógico que consiste, primeiro, no reconhecimento da subjetividade através de um estudo detalhado sobre os gostos de leitura para a faixa etária. Constatamos primeiramente que a ação que envolve o texto poético é mais atraente; em seguida, como a escola está situada no contexto rural e, conseqüentemente, popular, que o cordel é um gênero adequado.

As escolas, independentemente de onde se encontram, estão sendo influenciadas pelas mídias digitais. Desse modo, pensamos e produzimos um material audiovisual com a participação efetiva dos alunos. Trata-se de um vídeo editado a partir das declamações feitas pelos estudantes participantes em um jogral performático.

Diante do estudo e da realização prática, é possível ponderarmos que o reconhecimento da subjetividade do leitor e/ou da cultura literária do aluno se configura como fator fundamental para se pensar uma prática que objetive um ensino de transformação da postura do estudante diante da habilidade de leitura. Não se forma leitores sem antes conquistar a atenção e o interesse pela prática, e uma proposta de imposição é menos sedutora do que uma medida democrática, a qual influencia o diálogo entre as partes do processo de promoção da leitura literária.

2.1.1 Por uma Leitura Estética e a Ideia de Recepção

A discussão acerca dos métodos de leitura perpassa pela decisão de qual elemento se pretende focar. A perspectiva das escolas ainda se concentra na análise hermenêutica, na busca de flagrar os conteúdos discutidos em uma obra artística. No texto, nesse sentido, interessa mais o que ele tem a dizer do que os critérios de produção, a maneira com a qual o autor busca passar sua mensagem ou as interpretações pessoais do aluno.

Por este viés, novamente a prática de leitura baseia-se na exposição do conteúdo sem buscar a aproximação do leitor com o texto literário. A produção literária torna-se um produto acabado que existe por si e preso a um historicismo que o define. No entanto, Rouxel (2014) uma vez mais aponta para outro caminho ao propor o “diverso da literatura” e explicando que o “literário não se mede pelos critérios do hermetismo; a construção do sentido não exige que se recorra à abordagem hermenêutica” (ROUXEL, 2014, p. 29). O saber permitido pelo acesso à literatura é amplo e pode ser acessado, sobretudo, na sala de aula com alunos em formação. A arte literária não é cultura inalcançável ou privilégio de uma minoria dominante, ao contrário, é plural e extensa no que se refere às possibilidades de análise do saber em momentos e maneiras distintas. É, de certo, inclusiva porque é acessível a todos, dependendo da maneira como é trabalhada.

A Literatura de Cordel possibilita variadas formas de exploração, desde a análise hermenêutica à exploração estética nos mínimos detalhes; para esta pesquisa prática, enfatizamos os aspectos performáticos na exposição da leitura de cordel escrito para crianças.

Decidimos escolher uma produção literária mais dinâmica porque constatamos a necessidade de mudança de postura metodológica em torno do texto literário trabalhado na sala de aula, tendo em vista que o aluno da atualidade precisa se deparar com novas abordagens e, por isso, todos os envolvidos devem entender que é fundamental “ler para reconhecer-se, para ter prazer, para dar lugar à subjetividade, para construir a base de um pensamento autônomo e crítico” (REZENDE, 2014, p. 51). Precisamos envolver o aluno com a leitura, o que implica a necessidade de diversificar o enfoque a ser dado a partir do contato com o texto. Entendemos que uma atitude conservadora e intransponível não é o caminho mais sólido para o letramento literário.

Um dos caminhos possíveis de apreensão do texto literário é através do viés estético. Com esta opção, podemos despertar, entre outros possíveis sentimentos, o prazer, mola propulsora para despertar o encantamento pela leitura de obras entendidas como literárias, considerando suas diversas dimensões e categorias, como bem aponta Antônio Candido (2008).

Optando por esta maneira de suscitar o interesse pela leitura, o efeito da compreensão e da construção de sentido é uma etapa posterior, “na conduta estética, o prazer não depende do resultado da atividade cognitiva, mas está ligada a seu próprio desenrolar” (JOUVE, 2012, p. 46). É o processo e não a finalização que caracteriza a leitura na perspectiva estética. O encantamento com que o leitor vai adquirindo com a produção é elemento que conduz o envolvimento das instâncias envolvidas na transmissão; o texto e o leitor. Levando para o viés prático, no trabalho realizado aqui, o desenrolar se deu por meio da prática de oficinas divididas em etapas com intuito de promover o contato, a compreensão e aceitação do cordel pelo aluno. Teve como objetivo final a realização de leituras performáticas com as quais os alunos são protagonistas da pesquisa realizada em sala de aula.

O encantamento despertado pelo fator estético, como observamos na prática, pode ser definitivo na perpetuação de uma obra, pois essa cai no gosto do leitor. “Podemos, então, afirmar que toda obra considerada hoje como literária foi, em dado momento, acolhida como esteticamente bem-sucedida” (JOUVE, 2012, p. 47). Como toda produção necessita do leitor para torna-se um produto em circulação, depende da aceitação motivada pelo interesse que ela desperta e, de acordo com as considerações de Jouve (2012), a peculiaridade estética destaca-se como meio que desperta o prazer. Na poesia oral que trabalhamos na prática, a performance é o mecanismo central de influência na recepção do texto poético.

As crianças e os jovens têm interesse aguçado pelo texto quando esse é lhe apresentado de forma mais dinâmica, explorando, no caso de uma produção poética, a oralidade, a musicalidade, as possíveis e diversificadas linguagens que atraem a atenção. Não significa que a leitura silenciosa e individual seja dispensável, no entanto, nas aulas, às vezes, é preciso ir além, brincar com o texto, explorar o que ele pode oferecer ao leitor em formação, no limiar do nascimento do encanto pela literatura.

Entendemos, assim, que o trabalho com literatura em sala de aula, o direcionamento inicial deve ser apresentar o texto ao aluno antes da empreitada

interpretativa, explorando, de antemão, os aspectos condizentes com uma leitura que suscite o prazer ou interesse do leitor pela obra. Como argumenta Jauss (2002):

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia (Einstellung auf) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva (JAUSS, 2002, p. 69).

Pensando assim, pular a etapa da experiência estética é negar ao leitor a oportunidade de interação com o texto, o que, de certo, influencia, na maioria dos casos, no afastamento por parte do aluno, devido à ausência de ativação do mecanismo que envolve o deleite. O texto é necessário, tendo em vista os postulados de Jauss (2012), para o leitor antes mesmo da necessidade de ser interpretado.

É importante inferir, a partir da observação das ideias contidas nas explicações anteriores, que a consideração de Jauss (2012) refere-se ao texto escrito direcionado a um leitor individual, e o trabalho da pesquisa realizada em sala de aula foi feito com o texto a partir da leitura oral e, portanto, coletiva. Entretanto, em ambos os casos, necessita-se da apresentação do texto de maneira que desperte o interesse pela leitura. Com o cordel, a apreensão estética pode ser feita por um leitor individual ao ler sozinho para si, assim como durante uma exposição oral na qual o ouvinte é o receptor do texto e o orador é o transmissor e, conseqüentemente, criador da possibilidade estética por meio da utilização da performance oral e corporal. Desse modo, a leitura performática é elemento promissor, por vezes, decisivo na ativação estética e na recepção do leitor. “A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação, comunicando ela marca” (ZUMTHOR, 2014, 35).

A figura do leitor e ouvinte real valoriza-se na realização receptiva do texto, pois os elementos interpretativos preexistentes ao ato de leitura dão lugar às impressões subjetivas de quem ler e ouve, o sentido da obra renasce, renova. “Simetricamente, não é de certo que o leitor de uma obra literária busque antes de tudo ‘entender o que o autor disse’” (JOUVE, 2012, p. 82). A identidade do leitor, seus gostos e anseios são primeiro postos à prova, o texto revive naquele momento de interação. Pode ocorrer que ao longo da história um único texto ressignifique por várias vezes por conta da diversidade em que ocorre quando ele é recebido por leitores distintos no tempo e no espaço.

A recepção do leitor antecede a sua interpretação, pode ultrapassar as expectativas investidas pelo autor que, parece não ter controle de toda dimensão de possibilidades da obra literária, isso porque, na ação leitora, duas instâncias, leitor e obra, se destacam como fundamentais na interação e na construção dos novos sentidos. Na leitura performática, são três as instâncias envolvidas: obra, declamador e leitor.

Desde o advento do mundo moderno há uma tendência clara em privilegiar-se o aspecto performativo da relação autor-texto-leitor, pelo qual o pré-dado não é mais visto como um objeto de representação, mas sim como o material a partir do qual algo novo é modelado (ISER, 2012, p. 105).

Ideias e sentidos se renovam a partir da performance que envolve o autor, representante do preestabelecido no texto, o próprio texto e o leitor, os dois últimos como elementos de ressignificação motivada pela recepção criadora. Com a performance na exposição oral, a ideia de ressignificar o texto lido e ouvido se dá de maneira mais constante, cada leitura performática é um acontecimento único.

Falar de recepção é compreender a leitura como ato, momento de criação a partir da subjetividade do leitor e ouvinte. O texto, nesse sentido, se aproxima aos aspectos performáticos do jogo, o qual o instante é o que dita o movimento, o acontecimento, que no texto é a apreensão estética. O autor cria o objeto a ser jogado com intenções preconcebidas que podem ser concretizadas no ato receptivo. Contudo, os caminhos e/ou as possibilidades do leitor jogar com o texto são definidos no ato de interação e construção subjetiva do sentido, empregados a partir da identidade social e cultural de quem ler e/ou ouve. No contexto de situação receptiva, “o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo” (ISER, 2012, p. 107). É cabível afirmar, a partir da ideia de recepção, que cada leitura, seja ela individual ou coletiva, é uma possibilidade de recriação do texto, pois em uma situação interativa em que os sentidos para o leitor estão em jogo, os resultados são inusitados, depende da relação entre a subjetividade do leitor e a estética do texto.

A leitura literária é um campo aberto de discussões no que se refere à formação do leitor nas salas de aula. Definir qual tipo de literatura abre espaço para discórdia e convergências, pois há no contexto do ensino de leitura literária quem valorize uma cultura baseada no acesso às obras consagradas e, por outro lado, alguns estudiosos e professores defendem a possibilidade de diversificação do material a ser trabalhado

nas aulas de leitura. Com a pesquisa e prática, a qual esta dissertação se refere, optamos pelo viés diverso da literatura.

Reconhecer a figura do leitor como agente fundamental na construção da cultura literária é um assunto ainda no princípio de consolidação no ensino brasileiro, o que permite uma discussão baseada na teoria da Estética da Recepção. Esta privilegia o espaço de interação, no qual o leitor, assim como o autor e a obra, é instância relevante no ato criativo de recepção do texto, haja vista que, em se tratando de leitura literária para essa concepção, há de se considerar um fenômeno que antecede à interpretação do conteúdo que o autor busca comunicar através do texto. A esse fenômeno, dá-se o nome de recepção estética.

2.2 Entendendo o Cordel

Para conhecer a proposta a qual desenvolvemos, é fundamental enveredar pelo conhecimento do conceito de Literatura de Cordel. Aproximar-se com o objeto, antes de apropriar-se das possibilidades que esse oferece, é fator relevante no sucesso da prática de ensino.

As definições para o cordel são encontradas em diversos estudos da área, às vezes complexas, devido ao seu conteúdo ser divulgado hoje em maior escala por meio da escrita e, mesmo assim, ainda resguardar marcas da oralidade, artifício muito presente nas narrativas cordelistas. Podemos observar os sinais orais quando nos aprofundamos acerca do conhecimento da estrutura da poética cordelista, bem como no modo de transmissão. Ao ser comunicado e apresentado o texto em cordel para um público ouvinte, a memória e a voz entram em jogo e tornam-se suporte de conservação e meio de circulação, respectivamente, de uma poesia do povo para o povo. A tendência para oralidade explica o motivo pelo qual no Nordeste esta modalidade literária, mesmo escrita, ganha grande aceitação de um público com grande parcela de iletrados.

Atualmente, o gênero textual em evidência é conhecido Literatura de Cordel ou, de forma mais resumida, cordel. O que mostra o estudo da história dessa literatura é que esta nomenclatura, quando se busca entender o cordel no território brasileiro, não acompanha a criação poética dos cantadores nordestinos desde os primórdios dessa arte, pois, de acordo com a pesquisadora Márcia Abreu (2008, p. 17),

apesar de atualmente, utilizarmos o termo “literatura de cordel” [...] os autores nordestinos e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção referiam-se a ela como “literatura de folhetos” ou, simplesmente “folhetos”.

Esse nome, o qual é mais recorrente nos dias atuais, tem seu surgimento no decorrer da segunda metade do século XX. Essa literatura já tinha conquistado o seu espaço de aceitação entre os brasileiros quando passou a ser chamada como a maioria das pessoas a conhece hoje.

No entanto, para melhor simplificar o estudo no contexto acadêmico, é salutar partir do nome “Literatura de Cordel”, que está mais associada à comercialização do impresso dessa produção tão recorrente no território brasileiro nos dias atuais. Desse modo, a “denominação ‘de cordel’ prende-se ao fato de os folhetos serem expostos

ao público pendurados em cordéis” (ABREU, 2008, p. 19). Esse conceito também é explicado por Ana Maria de Oliveira Galvão ao afirmar que a “denominação ‘literatura de cordel’ foi atribuída aos folhetos brasileiros, pelos estudiosos, a partir de um tipo de literatura encontrado em Portugal” (GALVÃO, 2010, p. 27). Não é um conceito criado a partir da produção ativa do cordel. Os cordelistas brasileiros não são criadores dessa denominação, fruto de uma intenção de pesquisadores que tinham a tendência de aproximar os escritos brasileiros ao de Portugal. Tal definição, embora não seja unânime, é a que mais utilizada atualmente para se referir às obras escritas em folhetos, e o que tem maior circulação nas academias e espaços promotores desta literatura.

É possível destacarmos ainda que este significado parte de uma especificidade relacionada com a superfície do texto, o que desagradava alguns cordelistas por achar que tal designação estigmatiza o cordel, tendo-o como um material de pouco valor temático, já que considera apenas o suporte e a forma de comercialização. Outros teóricos trazem outras dimensões do cordel quando o conceitua, é o que se percebe na obra de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012), quando destaca:

No Brasil cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 17).

Notamos, desse modo, que a definição ultrapassa os aspectos físicos, como o papel e o modo de comercialização. Há no conceito de Marinho e Pinheiro (2012) uma tendência a abarcar o conteúdo dessa literatura rica em temática envolvendo o cotidiano de seu público, bem como histórias que servem como passatempo para leitores/ouvintes brasileiros.

Os próprios estudiosos que definem o cordel com base na estruturação e importância temática reconhecem que outro conceito também tem sido utilizado para designar a cultura que, no Brasil, ganhou aspecto representativo da história e sociedade a partir do século XIX. Assim, Marinho e Pinheiro (2012) esclarecem que

a expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 18).

Mesmo sendo a denominação que se utiliza, em determinado momento da história foi contestada pelos cordelistas que preferiam, por exemplo, o nome “literatura de folheto”. Essa forma de se referir ao acervo de literatura em verso é uma criação dos poetas ou do público consumidor. Mas, os estudiosos, a par do que acontecia em Portugal, buscaram aproximar o cordel brasileiro com a produção que acontecia em terras lusitanas. Contudo, a semelhança que mais observamos é a nomenclatura, o cordel que disseminou no Brasil ganhou outras feições e adaptou-se ao contexto cultural de uma nação marcada pela diversidade.

O conteúdo do cordel tem como um dos traços definidor a adequação ao seu apreciador. Os folhetos são escritos para o leitor/ouvinte enxergar nas linhas e versos da poesia cordelista sua identidade representada na voz do cantador que desempenha o papel de porta-voz da população, sobretudo, do Nordeste. No plano do conteúdo, diversas são as temáticas que definem o cordel como literatura voltada para um público cada vez mais diversificado.

Inicialmente, esse tipo de texto circulava com maior frequência pelas camadas da população sertaneja cujo letramento se fazia, essencialmente, pelo viés da oralidade, contudo, por conta de sua riqueza semântica e formal, a Literatura de Cordel ultrapassa os limites do interior nordestino e adentra às capitais e às universidades brasileiras como fonte de prazer, informação e pesquisa.

Ao acessarmos estudos relacionados com a historiografia desta modalidade literária, encontramos explicações que associam o cordel às práticas culturais populares. Nestes eventos, o mecanismo de transmissão mais comum era a voz.

Alguns estudiosos associam as origens da literatura de folhetos brasileiras principalmente as formas de poesia oral já existentes no Nordeste brasileiro, como as pelejas e desafios, ou mesmo com outras formas de expressão oral características das sociedades colonial oitocentista brasileiras (GALVÃO, 2010, p. 30).

A história do cordel acompanha o processo de transformação da sociedade brasileira, por isso ao longo do tempo se configura como importante canal de divulgação e transmissão de ideias e a oralidade é, historicamente, um mecanismo muito utilizado pelo povo brasileiro. O cordel vai além, e no século XIX, passa por uma importante transformação, isso porque ganha novo suporte, o folheto. “Nos idos de 1893, quando o poeta Leandro Gomes de Barros passa a publicar seus poemas em folheto inicia-se a literatura popular impressa no Nordeste” (TERRA, 1983, p.17). Com

a nova forma de publicação, o cordel começou a expandir seu horizonte, conquistar novos espaços e influenciar novas práticas de leitura, sem deixar de carregar consigo marcas da oralidade devido à herança que remonta às formas orais de apresentar a poesia. “Os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX” (*Idem*). A impressão do cordel não suprimiu as que declamam as narrativas de heroísmo e aventuras reais e imaginárias que compõem a identidade sertaneja.

Sendo impresso, ampliou sua capacidade de informação, alfabetização e letramento e de promover a inserção de parte da camada social do Brasil no universo da escrita. Muitos nordestinos perceberam no cordel uma fonte de aquisição do saber por meio das palavras. Mesmo os que não eram alfabetizados, os leitores ouvintes, participavam da transmissão de conteúdos, muitas vezes como deleite, e construíam seu repertório narrativo e informativo através das rimas do cordel brasileiro. “Além de instrumento de lazer, e de informação, a literatura de cordel tem sido, ao longo de sua história, instrumento de denúncia e reivindicação de cunho social” (COSTA, 2018, p. 38).

O cordel tem sido, de fato, promotor do letramento, e ainda hoje pode ser utilizado nas aulas de leitura como ferramenta para formar leitores competentes por permitir variadas maneiras de ser explorado, tanto no que se refere aos valores social e político manifestados no conteúdo, como também valor estético, perceptível na forma de apresentar ideias e narrativas tão variadas. Ainda no plano do conteúdo, temos a exploração do prazer, isso porque, as “aventuras e histórias fantásticas agradam crianças e jovens em qualquer época e fazem parte de todos os gêneros literários” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 49). O deleite é um aspecto marcante na poesia cordelista, sua forma rimada e rítmica também permite um dinamismo ao ato de ler análogo ao jogo, além do possível compartilhamento da leitura que a torna mais aceita pelos ouvintes.

Mesmo sendo um artifício cultural bem aceito e adaptado ao contexto brasileiro, a Literatura de Cordel tem uma trajetória histórica que ultrapassa as linhas do território do Brasil. A origem dessa arte poética está na Europa. Há indícios de manifestações populares em meados dos séculos XVI, XVII, principalmente nos países ibéricos como Espanha e Portugal. Por este último ser o colonizador desta nação, antes chamada de Terra de Vera Cruz, o cordel chegou na mala dos portugueses que vinham a essa nova terra apresentar sua religião e cultura; os folhetos “atravessa, então, o Atlântico”.

Dessa forma, segundo Galvão (2010, p. 30), “parece sensato afirmar que é inegável a influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileira”. Mesmo ganhando novas formas, o cordel brasileiro não deixa de resguardar alguma marca da literatura praticada em Portugal.

No Brasil, muitos poetas se consagraram como criadores e divulgadores da arte cordelista. Leandro Gomes de Barros é conhecido como o maior nome da Literatura de Cordel, autor de diversos títulos importantes da literatura, tem seu nome também reconhecido como grande editor e comercializador de sua poesia. A prática de escrever, editar e comercializar era comum entre os primeiros cordelistas que publicaram seus versos em folhetos, como bem informa Ruth Terra (1983):

Leandro Gomes de Barros foi editor proprietário de toda sua obra, o mesmo aconteceu com os demais poetas populares que publicaram até 1920, aproximadamente. Eles eram responsáveis pela publicação dos seus folhetos, quer estes fossem ou não impressos em tipografias de poetas populares (TERRA, 1983, p. 25).

Sendo uma literatura de baixo valor econômico, os investimentos podiam ficar a cargo dos próprios poetas. Foi o que ocorreu também com João Martins de Athayde; se tornou o primeiro cordelista a imprimir folhetos ao montar em Recife uma tipografia. Outros nomes da época dos cordelistas acima citados, cravaram suas marcas na historiografia do cordel brasileiro, tais quais Francisco da Chagas Batista, João Melchiades e José Adão. Luís da Câmara Cascudo (1984) descreve Chaga Batista e Leandro Gomes de Barros como “dupla mais ilustre” e destaca que eles “publicaram milhares de sextilhas, descrevendo batalhas entre cantadores tradicionais ou imaginários” (CASCUDO, 1984, p. 17).

Com o passar dos tempos, novos cordelistas foram surgindo e se consagrando como grandes nomes desta poesia. Atualmente, nomes como o de Varneck Nascimento e de Antônio Barreto vêm ganhando destaque por apresentarem uma literatura diversificada e agradável a diversos segmentos da sociedade. O último, Barreto (2017), é um poeta que publica para leitores de diversas faixas etárias, escreve poesias com alto teor crítico e com pitadas de conhecimentos voltados à pedagogia do letramento, como se observa nos cordéis “O patinho feio nas ondas da internet” e “Forró dos animais”. Obras que apresentam em sua escrita um convite às crianças ao universo da leitura adequado a um contexto que mescla a infância e a

influência das mídias sociais, o que torna o texto mais dinâmico e atraente para um público em sua formação intelectual.

No que concerne às temáticas, a literatura em estudo apresenta diversos conteúdos, quase sempre adequados aos contextos social e histórico dos consumidores. As narrativas comumente apresentam, como características, temáticas que são inspiradas nos acontecimentos do dia a dia, adaptação de grandes clássicos europeus, como “A princesa Magalona”, além de romance que se destaca por seus conteúdos baseados em aventuras e romantismo.

Quando remontamos ao início da produção escrita, destacamos a luta com os gados sorrateiros e desgarrados e os cangaceiros, guerreiros, mitos e heróis do sertanejo.

A poesia tradicional sertaneja tem seus melhores e maiores motivos no ciclo do gado e no ciclo heroico dos cangaceiros. O primeiro compreende as “gestas” dos bois que se perderam anos e anos nas serras e capoeiras e lograram escapar aos golpes dos vaqueiros (CASCUDO, 1984, p. 19).

Como a pecuária extensiva durante muito tempo, a modalidade econômica que caracterizou o modo de vida do sertanejo, o cordelista não poderia deixar escapar assuntos que representassem essa realidade. Não menos importantes e representativas são as históricas andanças e aventuras errantes dos cangaceiros. Corroboramos, assim, que as linhas que compõem os cordéis funcionam “como espelho da mentalidade do sertão” (*Idem*). É a representação da história e cultura, pois o texto criado pelos cordelistas dialoga com a memória da população sertaneja.

Ainda, seguindo a linha de diversidade temática, o cordel brasileiro também demarca também em seu percurso histórico aspectos de mídia do povo. O cordelista, atento aos acontecimentos do dia a dia, buscava informar aos leitores a partir de uma visão carregada de subjetividade. Quando o assunto se destacava e era tido como interessante em relação a outros comuns e presentes no cotidiano das pessoas, tornava-se digno de uma reportagem feita em versos e rimas. Outra façanha histórica é a apropriação de notícias veiculadas em outras mídias e adaptadas ao modo dos consumidores dessa poesia. “Com frequência, vemos que poetas procuram sua versão, a partir do noticiado ou ocorrido e nessa decodificação é que ele encontra utilidade de executar conscientemente o seu papel decodificador popular” (LUYTEN, 1992, p. 42). O cordelista desempenhava o papel de tradutor de um conteúdo

direcionado a um público mais elitizado para leitores da camada popular. “Funciona como elemento integrador, seu papel mais importante: o de avalista, o mediador entre a cultura de elite e a popular” (LUYTEN, 1992, p. 50). A versão poetizada poderia se tornar a versão oficial de um público que, historicamente no Nordeste, não tinha o acesso direto às mídias televisivas e radiofônicas.

No quesito notícia, o cordel é precursor das mídias que chegaram às varandas do brasileiro, mais especificamente, o sertanejo, pois, como mencionado nas considerações do percurso histórico, esse já informava aos leitores desde antes da chegada do jornal impresso em massa. Ao surgir as novas mídias de maior alcance, como o rádio, muitos estudiosos acreditaram que começava a se aproximar o fim da Literatura de Cordel, pois não servia mais como meio noticiador eficaz, seu espaço havia sido suprimido. Pode ter havido, por um tempo, um breve impacto na Literatura, no quesito informativo, como observa Câmara Cascudo (1984), na introdução de seu livro “Vaqueiros e Cantadores”. Segundo ele, o “cantador recuou ante a radiola, a vitrola, o cinema, a revista ilustrada” (CASCUDO, 1984, p. 16). Sendo um dos maiores estudiosos do folclore brasileiro, contestá-lo não seria uma atitude madura, afinal os tempos são outros e Cascudo está sendo mais abrangente no que se refere à literatura popular. Contudo, a fala do importante folclorista é não por toda verdadeira, porque uma das vertentes de literatura feita para uma cultura popular, o cordel, consegue se manter vivo e dialogando com as mídias modernas. É peculiar do cordel a continuação diante das adversidades competitivas, “a própria tradição (material, econômica, cultural e artística) do folheto que vem de longe, das tradições orais das civilizações da oralidade, se refaz e se reinventa a cada introdução de nova tecnologia” (LAMAIRE, 2010, p. 19-20).

A sobrevivência do cordel deveu-se ao fato de, ao invés de enxergar as mídias como vilãs ou rivais, as aceitou como aliadas. Como mencionado acima, no que se refere às notícias, o cordelista se informava ao ouvir o rádio, primeiramente, e com o passar do tempo por meio da televisão. Ao ter o contato com a notícia, o cordelista criava seu enredo, adequando-o a uma linguagem mais acessível ao seu público leitor. Alguns fatos de repercussão nacional e internacional, noticiados primeiramente no rádio e na televisão, ganharam suas versões no cordel, a exemplo disso, foi a morte Getúlio Vargas, a chegada do homem à lua, a morte de Ayrton Sena, entre muitos outros acontecimentos.

Foi no primeiro de maio
 Dia do trabalhador
 Que o Brasil se envolveu
 Numa tragédia de dor
 Com a morte do piloto
 Astro de grande valor

Ayrton Sena da Silva
 Tricampeão mundial
 Piloto da fórmula 1
 Que teve a sorte fatal
 Na curva de Tamburello
 Teve seu dia final. (ALVES, p. 1).

Como repórter do povo, o cordelista não deixaria de prestar seus serviços e noticiar em verso um fato que marcou o Brasil e o mundo. As versões da Literatura de Cordel puderam não ter a mesma dimensão espacial que tiveram as notícias feitas pelo rádio e pela televisão, porém, o público fiel ao cordel apreciava a reportagem sem necessitar do acesso a outros veículos de informação para estar bem informado.

Nos dias atuais, novas mídias transitam na sociedade, sobretudo entre os mais jovens, são as chamadas mídias digitais. Mais uma vez, o observador despercebido pode decretar a morte certa do cordel, julgando que esse não mais encontra lugar entre os consumidores. Como em outras ocasiões, o espaço encontrado pela Literatura de Cordel na internet o ajuda a expandir e alcançar novos públicos. A grande mídia cibernética tem sido tema das composições, como é o caso do já citado cordel infantil “O patinho feio nas ondas da internet”:

O patinho feio estava
 solitário no jardim,
 de repente apareceu
 a garota Yasmim.

Ela disse: “eu me enganava”
 ao pensar que era feio,
 mas você é muito lindo!
 vou lhe dar o meu emeio;

Anote, querido pato;
 yasmim @bol
 ponto com ponto br
 moro na rua do sol (BARRETO, 2009, p.1).

Se fizermos uma pesquisa mais detalhada, certamente encontraremos diversos escritos que incluirão em seu conteúdo alguma forma de menção aos espaços virtuais. No quesito dialógico, o cordel não para na mídia noticiosa ou digital, há também artes que servem de inspiração para o cordel, como é o caso do cinema, o teatro e a música.

Por outro lado, a arte dos cordelistas nordestinos inspira as criações artísticas de distintas formas de linguagem. O teatro crítico e cômico de Ariano Suassuna se apropria da riqueza temática do cordel e dá à luz a famosa peça “O auto da compadecida”, a qual, posteriormente, ganha a aclamada versão para o cinema. O próprio Suassuna afirma que se inspirou em três folhetos, “O testamento do Cachorro”, “O cavalo que defecava ouro” e “A peleja da alma”. O próprio personagem “João Grilo” é muito conhecido entre os leitores do cordel.

Com toda esta riqueza temática e estética, além de seu papel histórico como elemento representativo da cultura de um povo e como forte promotor do letramento, o cordel desponta como importante material pedagógico para utilizarmos nas aulas de leitura para qualquer público. Há muito que explorarmos deste material cultural, para crianças, e, adolescentes, é importante focar na estética manifestada na musicalidade e na possível linguagem teatral.

2.3.1 Cordel: oralidade e performance poética

O cordel brasileiro é uma literatura que apresenta como um dos destaques a maneira de transmissão, com a qual o leitor pode ter contato com esta manifestação mesmo não dispondo da capacidade de leitura das palavras. É uma arte democrática, motivo pelo qual a Literatura de Cordel alcançou tamanho espaço no território nordestino no fim do século XIX até os dias de hoje. É essa a explicação que Ruth Terra (1983) apresenta:

No início desse século a maioria da população nordestina, sobretudo no campo era constituída por analfabetos. Como explicar então o surgimento de uma literatura popular impressa e a formação de um público para essa literatura? No período estudado, como ainda hoje, a leitura de um folheto podia ser feita em voz alta para um grande número de pessoas (TERRA, 1983, p. 35).

O século ao qual Terra se refere é justamente o século XX, momento do apogeu da Literatura de Cordel. Nesse período, podemos destacar o papel dos auditores, os quais se juntavam em reuniões de família e saraus para promover o contato com uma literatura escrita através das possibilidades da voz.

O acontecimento oral é possível por conta da estrutura do cordel, pois permite que façamos uma leitura rítmica, cadenciada, e isso favorece a aproximação do público de expectadores e de coparticipantes da leitura oral, “o fato dos folhetos serem escritos em verso facilitava sua memorização pelos ouvintes” (*idem*). Num espaço onde a escrita ainda não era unanimidade, o suporte mnemônico se destacava como o mais eficaz.

Trazendo para o contexto escolar, o cordel é, de fato, um gênero que deve ser levado a sério, sobretudo, no que concerne à leitura oral, ponto de partida para elaborar uma estratégia de apresentação e aprofundamento desta produção rica esteticamente. Marinho e Pinheiro corroboram com esta ideia ao argumentar que “com relação ao folheto, a atividade fundamental é mesmo a leitura oral” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 127). A experiência que versa na oralidade como marca da Literatura de Cordel é o centro do nosso trabalho na construção do material didático, almejado pelo autor desta dissertação.

Como uma das marcas de oralidade, a versificação do cordel segue quase sempre um padrão para o público se tornar íntimo da estrutura. A forma de transmissão oral é o estágio mais importante para disseminação de um cordel na

memória. “A estratégia pedagógica didática das civilizações da oralidade é a da performance; baseia-se numa arte teatral, dramática, e na presença de um público coator e coautor do conhecimento” (LAMAIRE, 2010, p. 20). Recebendo o conteúdo e participando da ação comunicativa como testemunha ocular, o leitor ouvinte pode torna-se apto a dar continuidade ao conhecimento adquirido no momento da performance.

Voltando aos aspectos formais, de início, quando acessamos o grande acervo da literatura de vertente popular, notamos que a estrutura com maior predominância são as quadras, estrofes que rimam o segundo e o quarto verso entre si, cuja cadência atende a um padrão **ABCB**. Podemos observar esta ocorrência também no cordel, e a notamos no poema de Antônio Barreto citado no tópico anterior:

Sou o caçula da família
Um patinho desprezado,
Me chamam de loiro-burro,
Medroso e desajeitado; (BARRETO, p. 5).

As quadras são comuns nos versos que compreendem a cultura popular: “lá de trás daquela serra/tem um pé de cansação/namoro de menino é bainha de facão”. Todavia o cordel não ficou preso a esta estrutura e se popularizou em outras formas. As sextilhas são as mais recorrentes, cuja cadência **ABCDBD** caiu no gosto dos cordelistas, leitores e ouvintes. Hoje são em maior número os folhetos os quais apresentam estrofes com esta estrutura rítmica. Podemos observar como funcionam as sextilhas em um dos folhetos usados como objeto desse trabalho, “Forró dos animais”:

Um cachorro vira-lata
Tinha o nome de Fafau,
Gostava de beber leite,
Adorava um bom mingau,
Brincava com a garotada
E tocava berimbau! (BARRETO, 2017, p. 3).

“Forró dos animais” é só mais um entre milhares de folhetos que suas estrofes se constituem por seis versos rimando o segundo, quarto e sexto. O cordel, por ser a arte da diversidade, também é variado quanto à estrutura, ainda encontramos na literatura cordelista textos com estrofes de sete versos, as septilhas, cadenciados em **ABCBDDB**, como os versos do Cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante (2003):

Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão,
Mas cordel-literatura
É a real expressão
Como fonte de cultura
Ou melhor poesia pura
Dos poetas do sertão (CAVALCANTE, p. 37)

Assim como as sextilhas, as estrofes com sete versos são rítmicas e podem ser interpretadas em diversas melodias, isso permite que outras artes se apropriem desta formação, como é caso da música. Alguns músicos e bandas se beneficiam da musicalidade do cordel e transportam para sua criação musical a estrutura rítmica do cordel.

A rima não está sozinha na constituição do ritmo do texto dos cordelistas brasileiros, a métrica também é um artifício rítmico do cordel. Não é difícil encontrar versos que sigam uma estrutura padrão, sobretudo com sete sílabas poéticas: Um/ca/chor/ro/vi/ra/**la**/ta - Tin/háo/no/me/de/Fa/**fau** (Barreto, 2017).

As estrofes, cujos versos seguem esta regra de composição métrica aliada a uma rima bem estruturada, apresentam uma musicalidade que pode ser apresentada em diversas linguagens, da leitura teatral a diversos ritmos musicais. No trabalho em sala de aula, o professor pode, inclusive, escolher diferentes melodias e cantar com as estrofes do cordel; em uma etapa das oficinas, que serão melhor detalhadas à frente. Fizemos esta atividade para os alunos perceberem que as estrofes do cordel, por conta da forma em que são escritas, já apresentam ritmo que pode ser adequado a quase todos os estilos musicais, tais quais: forró, rap, sertanejo e até funk. A flexibilidade melódica também ajuda o cordel a se tornar um texto altamente diverso nas possibilidades de leitura, com a forte presença da oralidade, traço destaque nestas criações literárias.

Desde sua origem, como já sabemos, o cordel é marcado pela oralidade, haja vista que sua constituição histórica no território brasileiro perpassa pela influência da transmissão através da voz, o “público, testemunha ocular e auricular da performance que vai, em seguida, transmitir, por sua vez, o conhecimento” (LAMAIRE, 2010, p. 20). Outrora esta literatura não era escrita, por isso, a memória funcionava como o suporte mais adequado. Hoje, mesmo impresso, o cordel resguarda com muita força aspectos orais, sobretudo, no que se refere aos atributos melódicos.

Em uma cultura oral a memória é o único recurso de conservação de produções intelectuais. Sabe-se que a regularidade é um auxiliar mnemônico poderoso; assim, a existência de um padrão para a estrutura estrófica, rítmica e métrica é uma ferramenta fundamental (ABREU, 2008, p. 87).

No território brasileiro, com maior destaque no Nordeste, por haver, historicamente, a presença de um público iletrado, as técnicas de leitura com utilização da voz permitiram o acesso ao cordel, comumente, num espaço onde os papéis dos envolvidos no processo de leitura dão vida a um acontecimento performático. Podemos, então, inferir que na “oralidade cada fala, cada ‘texto’, é original: a cada desempenho, o poeta, a um só tempo, repete e cria. O conceito de autoria liga-se, pois, à *performance* da voz, que é única, individual, irrepetível” (GALVÃO, 2012, p. 57). O auditor, ator da ação performática, dá vida ao texto ao transformá-lo em um acontecimento inédito, cada momento de audição e transmissão do cordel em voz alta é uma nova oportunidade de recepção, a performance não permite a repetição.

A leitura em voz alta denota a relevância da materialidade fônica da poesia e se realiza como forma renovadora da mediação do poético com o leitor. Assim, o caráter performativo da poesia se confirma quando se preenche de som a voz poética dos versos, recuperando o elemento vocal ritualístico que remonta a origem da poesia (MORAIS; DOMINGOS, 2016, p. 303).

Ler em voz alta é atributo que caracteriza a poesia cordelista, façanha que podemos utilizar nas aulas de leitura, afinal, o cordel também, por conta de sua possibilidade performática, é um promotor do letramento; participam do momento de leitura todos que estejam no momento da exposição oral, principalmente quando o tom de voz é acessível a todos. Nas aulas de Língua Portuguesa, a leitura performática do cordel pode ser usada para desenvolver a capacidade comunicativa do aluno e/ou desempenho na transmissão de ideias e dos valores. Com o trabalho desenvolvido na escola supracitada, buscamos auxiliar o aluno na habilidade de leitura tanto escrita como oral, pois a performance tem a capacidade de influenciar a ascensão intelectual e desenvoltura comunicativa. No quesito comunicação de uma ideia, permitirá ao estudante ouvinte no instante de transmissão receber a mensagem de imediato, entendê-la e apreciá-la. Assim procedendo, temos uma manifestação de caráter performático, pois “quando a *comunicação* e a *recepção* (assim como, de maneira excepcional, a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance” (ZUMTHOR, 1993, p. 19). A proeza performativa vai além da influência

na captação do sentido a partir da leitura oral, podendo também ser determinante na recepção prazerosa do leitor no momento de audição do cordel.

A performance é um elemento que merece atenção como prática de ensino, pois envolve o trabalho com a oralidade e o aluno do Ensino Fundamental, comumente apresenta dificuldades quando lhe são solicitadas explanações por meio da voz. Esta dificuldade se estende no plano social, ex-alunos apresentam incapacidade de se expressarem oralmente. Desse modo, é justificável a prática de ensino na qual damos maior ênfase ao caráter performático.

Para tanto, faz-se necessário entender o termo em destaque, tendo em vista melhores esclarecimento acerca do foco dado nessa pesquisa. Diante desta necessidade, trazemos à luz os estudos de Paul Zumthor (2014), do qual podemos absorver melhores compreensões sobre o conceito de performance. Segundo o estudioso, o “termo e a ideia de *performance* tendem [...] a cobrir toda uma espécie de teatralidade: aí está um sinal. Toda literatura não é fundamentalmente teatro?” (ZUMTHOR, 2014, p. 21). A expressão da voz, associada às manifestações gestuais do corpo, pode determinar a qualidade da exposição, por isso é um elemento essencial para o desenvolvimento do aluno. Como sabemos, as práticas teatrais têm sido difundidas nas aulas de leitura no intuito de desenvolver o poder expressivo do discente.

É importante ressaltar que, ao falarmos em acontecimento performático, mencionamos um evento no qual o leitor/declamador lança mão da linguagem cênica. O orador competente, tendo o folheto na mão e depois na memória, transforma-o e traduz para uma linguagem com requintes teatrais. Com a performance, a voz e o corpo são utilizados num espaço, um palco de ação, para atraírem o público que aprecia no exato momento da transmissão.

O texto literário, como bem explica Zumthor (2014), é importante material de exploração performática, principalmente quando se trata de poemas que têm como elemento estético o ritmo. Neste contexto, o cordel apresenta uma poética rica no que concerne aos fatores que envolvem as possibilidades de leitura para um coletivo de leitores/ouvintes. É relevante material linguístico e performático, uma vez que “no uso mais geral, *performance* se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual” (ZUMTHOR, 2014, p. 41). Notamos, portanto, que a composição da Literatura de Cordel se enquadra nesta proposta de trabalho pedagógico. Ler em voz alta para

um público é, sem dúvida, um “acontecimento oral e gestual” que pode ser desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é o primeiro passo para a realização de um trabalho de intervenção e para a produção de um material que exponha os resultados adquiridos em uma investigação intelectual. Partindo dessa premissa, o trabalho realizado está pautado na promoção da leitura numa perspectiva dinâmica, atrelada ao prazer em brincar com a musicalidade possível na apreensão do texto poético.

A partir da observação em campo, na prática, levantamos o questionamento que norteia a busca por ações consistentes e de promoção da formação do leitor literário das séries iniciais, mais especificamente do 5º ano do Ensino Fundamental. Como se deve proceder para auxiliar no desenvolvimento da leitura de alunos do Ensino Fundamental das séries iniciais?

Buscando dar resposta a esse questionamento, o presente trabalho tem como método a leitura de dois cordéis com temáticas que despertam o interesse do público infantil. O primeiro cordel, intitulado “O patinho feio nas ondas da internet” foi usado para oportunizar ao aluno o contato com a produção. Trata-se de um texto com estrofes que contêm quatro versos, o que, a nosso ver, facilita a compreensão dos estudantes, e as quadras é um elemento formal que os alunos já têm contato, principalmente quando participam das cantigas de roda. Com este exemplo de folheto, trabalhamos os aspectos formais como rima, métrica e a estrutura em geral do gênero.

O segundo cordel, “Forró dos animais”, utilizamos como centro da leitura poética feitas pelos alunos. Com ele, trabalhamos a leitura rítmica e performance dos alunos. O texto, trata-se de uma festa da qual alguns animais participam. Cada estrofe apresenta um animal participante do forró dos animais, o primeiro deles é o cachorro:

Um Cachorro vira-lata
Tinha o nome de Fafau,
Gostava de Beber leite,
Adorava um bom mingau
Brincava com a garotada
E tocava Birimbau! (BARRETO, 2017, p.1)

O cordel em análise é composto por sextilhas com redondilhas maiores. Na estrofe seguinte é apresentado ao leitor um amigo do cachorro, Gato Preto.

Ele tinha um amigo
Engraçado e bonitinho.
Era um gato inteligente,

Só vivia cheirosinho,
Gato Preto era seu nome
E gostava de toucinho. (*idem*)

O texto segue apresentando outros animais, como macaco, bem-te-vi, raposa, papagaio, tamanduá, bode, pomba, entre outros.

A exploração do texto ocorreu de modo que cada aluno leu, ensaiou e declamou uma estrofe do cordel num momento em que denominamos “jogral performático”. Para chegar à leitura performática, outras etapas fundamentais aconteceram anteriormente. Primeiro, oportunizamos o contato dos alunos com a produção em cordel; neste momento eles puderam foliar alguns folhetos, comentar suas impressões iniciais e entender que aquele material que tinham em mãos se chamava Literatura de Cordel. Reservamos um momento de apresentação teórica, foi quando explicamos alguns conceitos envolvidos com a temática; nesta ocasião, explanamos sobre o conceito de performance. Após todo preparo conceitual, apresentamos os folhetos de Antônio Barreto; primeiro, “O patinho Feio nas ondas da internet”; depois, “Forró dos animais”. Foi, então, que começamos nossos preparos para o desenvolvimento da leitura performática, o que culminou na apresentação do jogral.

Acreditamos que a importância de se trabalhar o gênero cordel atrelado à performance reside na busca de alinhar a leitura aos aspectos do prazer, elemento fundamental no universo infantil. A performance é um artifício presente nas práticas infantis, sobretudo, nas brincadeiras que, inclusive, é carregada de força poética. Nelly Novaes Coelho (2010) ressalta que

é esse jogo de palavras, o principal fator da atração que as crianças têm pela poesia, transformada em *canto* (as cantigas de ninar, cantigas de roda, lengalengas...). Ou pela poesia ouvida ou lida em voz alta, que lhes provoque emoções, sensações, impressões, numa interação lúdica e gratificante (COELHO, 2010, p. 222).

A criança, em seu estágio inicial de desenvolvimento, aprecia a força poética das músicas populares e, com o passar do tempo, vai perdendo essa ligação com a poesia devido às práticas sociais e de ensino que privam o prazer.

Ao constatarmos o interesse dos alunos por atividades de leitura que envolvesse a oralidade, pensamos num trabalho cuja temática abarcasse os aspectos da leitura oral e performática, do prazer e do desenvolvimento da capacidade de leitura. Diante deste desejo, buscamos dar destaque nas aulas de Língua Portuguesa ao universo

da Literatura de Cordel, numa perspectiva performática como elemento promotor do gosto pelo hábito de ler.

Todo o planejamento e trabalho realizados no contexto escolar são frutos de nosso olhar como professor e, concomitante, pesquisador. Buscamos fazer atuações adequadas às características da turma e, sobretudo, com base na constatação das necessidades que os discentes demonstraram no decorrer das aulas. No nosso caso, quando trabalhávamos a leitura oral de fábulas e conto de fadas com a turma do 5º ano, notamos maior envolvimento quando solicitávamos a recontagem do texto de forma oral. Ao introduzir a poesia, a leitura em voz alta chamava a atenção dos colegas, assim, o cordel se configurou como o gênero mais adequado ao perfil da turma, além de fazer parte do universo cultural da localidade onde a escola da turma está situada.

Na caminhada interpretativa da realidade, é fundamental o docente pesquisador ter em mãos a teoria que dê embasamento para que as observações que ocorrem num momento prático se transformem em pesquisa, assim, o professor pode fazer ciência e promover o desenvolvimento integral de sua turma.

Depois de todo o percurso investigativo, “é chegada a hora, entendemos, de transformar questionamentos em perguntas; dúvidas em pesquisa; enfim, senso comum em ciência” (MESSIAS, 2012, p. 12). Como pesquisador em ação nas aulas de Língua Portuguesa, o professor destaca um tema dentro de um recorte adequado à realidade do público. É o que ocorre nesta pesquisa ao se buscarmos promover o contato dos alunos de 5º ano com cordéis que apresentam temáticas que envolvem o universo infantil.

Questionamos sobre a pesquisa feita com a realidade das escolas e usa os alunos como objeto de observação, mas, uma vez concluída, os participantes do projeto educativo não recebem retorno. Novamente, o que notamos neste tipo de ação é a criação de uma teoria que, na prática, não alcançou os resultados desejados para quem foi direcionada: o aluno. É diante dessa realidade que surge a necessidade de implementar as técnicas e procedimentos da pesquisa-ação a qual, segundo Thiollent (1986, p. 14),

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

É um paradigma de pesquisa que se baseia na interação entre o pesquisador engajado na resolução da problemática observada e os sujeitos a serem observados, esses sendo coautores das ações acadêmicas. O fator interacionista ultrapassa o caráter laboratorial descontextualizado e sem participação efetiva de todos agentes da ação investigativa.

Com o professor desenvolvendo sua própria pesquisa, em sua aula, outro direcionamento será tomado, pois haverá mais possibilidades dos participantes, os estudantes, adquirirem conhecimentos relevantes, e isso não interfere negativamente na criação científica.

é das experiências e vivências cotidianas que sai a fundamentação de toda e qualquer teoria das ciências humanas. São saberes cotidianos que quando saem da individualidade e somam-se ao coletivo, da sociedade, são materializados em forma de cultura (MESSIAS, 2012, p. 13).

Significa que, bem-sucedida, a pesquisa servirá como laboratório real para novas investidas científicas no contexto das salas de aula.

Definido o tema e a forma de pesquisa a qual pretendemos utilizar é fundamental a definição dos objetivos, e na perspectiva da pesquisa-ação esses “são voltados para a tomada de consciência dos agentes implicados na atividade investigada” (THIOLLENT, 1986, p. 18). Como estamos falando de uma ação cuja interação se perfaz uma essência, não pode ser diferente a busca de objetivos, todos envolvidos na tentativa de resolução da carência manifestada precisam estar atentos aos direcionamentos com base no resultado almejado.

O trabalho realizado aqui teve como objetivo principal, por meio da prática de leitura do folheto, a busca do desenvolvimento da capacidade expressiva. Temos consciência de que poderão surgir situações nas quais o aluno precisará usar a oralidade para expressar seus conhecimentos e seus anseios, seja no contexto escolar ou na sociedade na qual é participante. Foi uma ação engajada e adequada ao contexto de atuação. Sabemos que ainda são poucos os trabalhos que dão maior atenção à leitura de obras que permeiam o universo cultural dos alunos.

Ainda na perspectiva da pesquisa-ação, a escola em que o professor atua é considerada o principal espaço e os alunos funcionam não como “objetos”, mas como participantes ativos do processo de elaboração do projeto e na aplicação da prática

almejada, diferentemente de quando se atuam em uma pesquisa de pura experimentação – os alunos servindo de cobaias passivas. Thiollent (1986) esclarece melhor a incompatibilidade e as diferenças entre a pesquisa meramente experimental e essa que é defendida como uma maneira de o pesquisador enveredar por uma investigação dialógica e cooperativa. Nas palavras do autor,

embora seja incompatível com a metodologia de experimentação em laboratório e com os pressupostos do experimentalismo (neutralidade e não-interferência do observador, isolamento de variáveis etc.), a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo (THIOLLENT, 1986, p. 21).

A leitura da afirmação acima torna claro o conceito e as especificidades voltadas para uma pesquisa que chama todos os envolvidos para o diálogo permanente. Com isso, os possíveis resultados a serem alcançados devem ser percebidos por todos envolvidos no projeto de pesquisa-ação.

Diante desta perspectiva, nossa prática tornou-se coerente aos postulados de Thiollent (1986) devido ao fato de antes observarmos em *locus* a realidade dos alunos envolvidos na pesquisa, apresentamos para a direção e para os pais e/ou responsáveis nossa intenção de trabalho e oportunizamos aos alunos a escolha da temática que trabalharíamos nas aulas de performance. A opinião dos alunos foi a que abordássemos o tema dos animais, assim, os dois cordéis têm animais como centro da narrativa.

Tendo a pesquisa-ação como norte metodológico para este trabalho, configura-se como uma ação que também traz a junção entre prática cotidiana e observações no contexto real das aulas de língua portuguesa. Nossa prática seguiu etapas bem definidas de elaboração de uma proposta com objetivos centrados na ampliação da capacidade expressiva, bem como a ativação do gosto pela leitura.

4 ANÁLISE DE DADOS

Fruto da observação diária dos alunos em sala de aula, este trabalho foi realizado numa escola de pequeno porte, no Distrito São João da Fortaleza, Cícero Dantas-BA. Sendo localizada na zona rural, é notável que manifestações que compreendem a cultura popular ainda exercem forte influência na forma de ver o mundo das pessoas da comunidade. Com as crianças não é diferente, elas ainda participam de brincadeiras e práticas culturais que pertencem ao universo cultural de caráter popular.

A turma é do 5º ano, com alunos em idades diversas, alguns estão acima do ideal para a série. Pequena parcela da turma apresenta dificuldade na decodificação de palavras, já a maioria está com o nível de leitura satisfatório. Diante da variedade de níveis de leitura, acreditamos ser fundamental a implementação de atividades de leitura que possam promover a participação de todos, e isso é possível com a forma de trabalho que envolva a escrita e a oralidade, atreladas à performance, que serve como elemento estético e influente na recepção prazerosa dos textos em cordel.

Pensando na particularidade da turma, elaboramos um projeto que conseguisse promover a participação de todos os alunos com a prática através de oficinas. A concretização da pesquisa aconteceu no ano de 2019, no mês de agosto. O trabalho ocorreu em duas semanas, a primeira foi dedicada ao conhecimento do gênero cordel, ao conceito de performance e à preparação para realização da declamação dos alunos no jogral performático. Na segunda semana, começamos os preparativos para a culminância. Os alunos, neste momento, estavam preparados para declamar e serem filmados. O percurso prático foi planejado em torno do desenvolvimento da leitura do aluno em voz alta para um público, para tal façanha, a linguagem corporal da performance é elemento crucial.

Ainda somando à intenção pontual de apresentação e demonstração do conhecimento adquirido pelo aluno, almejamos, com a pesquisa, despertar o gosto pelo ato de ler, assim, consideramos a performance importante porque dá movimento ao texto.

O que torna o trabalho com a performance da voz e do corpo adequado à turma, primeiramente, é a possibilidade de usarmos metodologia (s) lúdica (s) e depois as híbridas influências no desenvolvimento da capacidade dos alunos. Para aqueles que se encontram em nível baixo de leitura, a prática utilizada neste trabalho pode ajudar

a desenvolver a capacidade de decodificação dos códigos linguísticos, atendendo a um ritmo de leitura com tonicidade. Trabalhar a leitura performática consiste na busca de ler os versos obedecendo o tempo e o tom, pois, qualquer que seja o texto, não deve ser lido sem obedecer algumas técnicas essenciais. O texto em prosa, por exemplo, precisamos respeitar a pontuação para torná-lo compreensível e, no plano estético, atraente. Durante a leitura ou canto poético, o declamador “conta as sílabas não de maneira aritmética, mas rítmica, como blocos de matéria fônica de duração aproximada, porém recortados por pausas acentuais recorrentes” (ZUMTHOR, 1993, p. 182). É uma contagem que acontece intrínseca à capacidade performativa do orador ou cantor e soa aos ouvidos do receptor de forma melódica.

O aluno com grau de decodificação maior pode ampliar sua capacidade de expressão, melhorar o tom de voz, ter maior desenvoltura quando solicitado para uma apresentação em público. Saber se expressar oralmente é uma habilidade importante para a melhor desenvoltura no contexto escolar, acadêmico, assim como na vida social e no mercado de trabalho. Em tese, uma metodologia que usa a exposição oral de um texto escrito consegue promover amplo desenvolvimento de uma turma por utilizar as duas formas de linguagem simultaneamente. “Ponto de intersecção entre a oralidade e a escritura, a literatura de folhetos permite que a cena oral não se restrinja à voz, mas, muito mais que isso, se insinue como corpo e gesto” (MATOS, 2007, p. 151). Para o aluno que precisa ler em público, tem os benefícios na ampliação do conhecimento, da leitura nos parâmetros da decodificação e, sobretudo, da performance oral, com acréscimo de atividades corporais como os gestos e as expressões faciais.

O trabalho bem feito com a arte poética pode despertar para o mundo por diversos vieses. Vania Marta Espeiorin e Flávia Brocchetto Ramos (2018) reforça essas considerações sobre o poder da poesia. Segundo as autoras,

a poesia construída a partir da palavra tem a possibilidade de cativar o leitor e desafiá-lo a interagir com outras manifestações poéticas. Rimas, musicalidade, ilogismo, imagens e enigmas são alguns dos recursos que levam o texto poético a mobilizar a atenção e os sentimentos de quem está lendo ou ouvindo, ainda mais se esse público é criança (ESPEIORIN; RAMOS, 2018, p. 17).

A afirmação das autoras supracitadas é convidativa para uma tomada de decisão em torno do texto poético voltado para a busca de formação do leitor infantil. Os

recursos da poesia são potentes influências na condução de um trabalho favorável à aproximação da criança com a estética do texto.

Tendo a constatação da força poética sobre o imaginário e o desenvolvimento das crianças, chegamos ao ponto crucial desta pesquisa que é a ação docente voltada para a busca de formação de leitores a partir da ativação do prazer por meio da leitura dinâmica do texto e do jogo lúdico com as palavras e com a estética do cordel que proporciona movimento e diversão.

A criança, em formação, aprecia as práticas poéticas, através das cantigas que elas ouvem desde prematuras, ou mesmo antes do nascimento, afinal é um gênero “inerente à infância desde antes dos primeiros sussurros do bebê” (*idem*). Depois de dar seus primeiros passos e enveredar pelo mundo das palavras faladas e escritas, consecutivamente, tornam-se amantes das práticas lúdicas em que os elementos da poesia, como a musicalidade e a rima se destacam, é o caso das cantigas de roda, fortes promotoras do prazer da criança. Assim, cabe ressaltar, “que o caminho mais agradável para as crianças é aquele que explora a brincadeira com a linguagem, os jogos sonoros, o humor, enfim, a dimensão lúdica das palavras” (ALVES, 2018, p. 49). Nesse conjunto poético de influência da leitura prazerosa, encontra-se o cordel. Com a nossa prática, o prazer é o elemento principal, no trabalho prático destacaremos o dinamismo e a ludicidade com o texto cordelista através da musicalidade e da linguagem cênica da performance. Ao trabalharmos o aspecto lúdico, almejamos a ativação do gosto da leitura e o desenvolvimento de capacidades essenciais para a posterior caminhada intelectual e social.

É discutível, e por certo atestável, a importância da Literatura de Cordel como material de desenvolvimento da criança no ensino fundamental, as “obras da literatura popular podem ser fonte de experiência estética e contribuir para com a formação dos leitores” (ROUXEL, 2014, p. 30). As aulas de Língua Portuguesa podem ser bem aproveitadas para esse fim. O cordel é um texto bem aceito pelas crianças, mesmo estas estando inseridas em um contexto marcado pelas mídias digitais.

Pensando na adequação, e considerando o público de faixa etária em torno de 11 anos (com alguns alunos excedendo essa faixa), trabalhamos com dois cordéis infantis do autor Antônio Barreto: “*O patinho feio nas ondas da internet*” (como preparação) e “*Forró dos animais*” (como *corpus* principal da leitura performática). São obras que se adequam tanto à faixa etária quanto à perspectiva contextual e cultural, apresentam conteúdos de interesse das crianças e adolescentes. A primeira lança

mão da linguagem da internet associada à narrativa de um clássico da literatura infantil; a outra, os animais são destaques na narrativa poética. A segunda obra citada será trabalhada no momento de ativação da capacidade performativa do aluno, destaca-se como adequada devido ao seu caráter fabular, muito atraente às crianças, o que justifica a escolha dos alunos pela temática trabalhada na pesquisa prática. Falar de animais aproxima o leitor infantil à narrativa apresentada. “A temática dos animais de grande interesse das crianças, apresentada de forma lúdica por nossos poetas populares, é uma das possibilidades de levar às nossas crianças parte da riqueza dessa literatura que sempre esteve distante da escola” (ALVES, 2018 p. 51). Outro fator importante do “Forró dos animais” é que é um texto curto, com dez estrofes e isso possibilita maior aceitação por parte do público nessa faixa etária.

Quanto ao autor das obras escolhidas, Antônio Barreto é natural de Santa Bárbara, cidade do interior baiano. Atualmente reside e trabalha em Salvador – BA. É professor, poeta cordelista e palestrante. Tem diversos folhetos publicados em Jornais, revistas e antologias. Já publicou aproximadamente 200 folhetos, tendo como destaque o cordel intitulado “Big Brother Brasil: um programa imbecil”, de grande repercussão no Brasil pelo seu teor crítico massacrante. Em agosto de 2016, Antônio Barreto publicou uma coletânea de cordéis, sob o título de “Literatura Brasileira em Cordel”, pelo selo Editorial Castro Alves. Os temas mais abordados em seus cordéis são: crítica social, educação, futebol, humor, biografias e cultura popular². No presente trabalho, a escolha dos textos acima citados se deu devido à aproximação com o público infantil.

Partindo para a prática, é válido destacar, de início, que o trabalho em sala aula ficou estruturado, com base nas contribuições de Cosson (2012), em quatro etapas, e essas foram denominadas, respectivamente: “Apresentação”, “Contextualização”, “Preparação” e “Acontecimento performático”. Houve etapas que desenvolvemos em dois momentos de aula prática. Foi o caso da “Contextualização”, pois, optamos por trabalhar o conceito de Literatura de Cordel e performance poética separadamente. Outra etapa que dividimos em dois momentos foi a “Preparação”, isso porque, primeiro, foi trabalhado a performance da voz e em seguida a do corpo. Seguem detalhadas as etapas das oficinas e seus respectivos objetivos.

² Biografia encontrada no folheto “Forró dos animais”.

4.1 Primeira Etapa: Apresentação

Como deveríamos planejar a adequação do projeto ao andamento corriqueiro das aulas, a proposta seguiu uma rotina de atividades que iniciavam após os intervalos. Desse modo, cada etapa das oficinas teve em média uma duração de 1 hora e 30 minutos. No primeiro dia de trabalho, 19 de agosto, uma segunda-feira, inicialmente esclarecemos aos alunos a proposta de trabalho coletivo, lúdico e interativo com o qual desenvolveríamos a leitura oral de textos pertencentes ao universo popular do Nordeste. É preciso dizer aqui que se trata de um esclarecimento, e não de uma apresentação de uma proposta, porque em diversos momentos, em sala de aula, já antecipávamos aos estudantes a pretensão do trabalho com a leitura literária.

Explicamos para os discentes a importância de trabalharmos com textos marcados pela possibilidade de exploração oral, e que, concomitante a isso, permite um enfoque à ludicidade. “Ao reverberar a leitura em voz alta, estamos nos projetando no texto oralizado. Em suma o professor deve proporcionar um espaço de dramatização do texto lido, convencendo os alunos da importância de uma prática performática do texto (CONCEIÇÃO; GOMES, 2016, p. 48). Trazer à tona atividades de leitura com o cordel, de certo, o foco principal deve estar na forma oral de transmissão. Esta especificidade devemos esclarecer para o aluno, como fizemos no projeto de construção dessa dissertação. Planejamos o momento de teatralização para a etapa final das oficinas.

Prosseguindo o trabalho, distribuimos exemplares de cordéis diversos, de autores atuais e outros mais tradicionais e consagrados na literatura cordelista. Colocamos uma mesa, na qual continha folhetos extras para que os alunos, caso desejassem, trocar de texto. Nosso intuito era que os estudantes tivessem autonomia na escolha do folheto que mais lhes agradasse. Alguns fizeram a troca, assim fizemos a primeira provocação acerca do que os levou a mudar de texto. Os alunos que trocaram os exemplares recebidos não souberam, a princípio, explicar, claramente, o que motivou a escolha dos livrinhos (assim que era dirigido ao aluno nesse primeiro momento). Pelas semelhanças dos materiais dos folhetos, notamos que, possivelmente, o motivo principal foi a edição mais moderna e bem ilustrada do cordel.

Após nossas primeiras observações, organizamos uma roda de conversa para que eles expusessem suas primeiras impressões acerca do material, da estrutura do

cordel ou do texto – caso algum tivesse feito a leitura. A nível de provocação e convite para a breve discussão coletiva, questionamos sobre a capa, o tamanho do material impresso, como estava escrito nas folhas dos livrinhos, a estrutura. Notamos certa timidez por parte dos alunos, pois durante alguns segundos ficaram em silêncio, sem nada responderem. Demos algumas pistas e possibilidades de resposta, até que um dos alunos mencionou que era escrito “tipo poesia” com estrofes e versos (já tínhamos trabalhado sobre estrutura do poema). Aproveitando a fala do aluno e afirmando que a observação dele foi pertinente, foram expostas oralmente algumas características daquele material, tais quais o tamanho, as capas acompanhadas de um desenho que representava, sobretudo, o título. Esclareceu-se que aquele material pequeno, com poucas folhas, é conhecido como folheto e que o texto escrito se chama Literatura de Cordel.

Neste primeiro momento, nossa intenção foi a de promover o contato do aluno com gênero. É o primeiro passo para chegar ao objetivo esperado que é a leitura performática, uma preparação que segue alguns estágios até a configuração dos resultados almejados. Segundo Helder Pinheiro Alves (2018, p. 58), “a preparação da leitura oral, pelo professor-mediador, é da maior importância uma vez que funciona como estímulo ao ouvinte”. O intuito deste trabalho repousa nessa ideia, de buscar desenvolver uma apresentação que despertasse também no aluno ouvinte o interesse pelo cordel.

Ainda ao final da primeira etapa, uma vez mais reforçamos para os alunos a importância do trabalho com a Literatura de Cordel e adiantamos os passos pretendidos para as próximas etapas, bem como o objetivo, que era chegar à leitura performática do cordel. Revelamos que as performances iriam ser gravadas e transformadas em um material didático em forma de vídeo-aula.

4.2 Segunda Etapa: Contextualização

Para o segundo dia, 20 de agosto, planejamos uma aula para aprofundar um pouco o conhecimento dos alunos acerca do cordel. Estrategicamente, no encontro anterior, recolhemos os cordéis distribuídos aos alunos. Nossa intenção, desde início, era que os alunos se sentissem atraídos e pedissem um ou mais folhetos para fazer a leitura em casa (não aconteceu de imediato no primeiro encontro, mas,

posteriormente, os alunos, aos poucos, iam se sentindo atraídos pelos folhetos e, alguns deles, tomaram emprestados cordéis para lê-los em suas casas). Posteriormente, uma aluna trouxe para aula dois cordéis que ganhara de uma irmã. Isso mostra que o gênero em destaque pertence ao contexto de parte significativa dos alunos, e que o trabalho já estava ganhando outras dimensões com a participação da família.

Dando prosseguimento, entregamos os cordéis novamente aos alunos, seguindo a mesma estratégia anterior de possibilitar a troca de texto quando os alunos quisessem. No segundo dia, o número de trocas foi maior. Após todos estarem com os folhetos em mãos, iniciamos um diálogo retomando o que já havíamos tratado sobre o gênero em destaque, questionando se os alunos lembravam como eram chamados “aqueles livrinhos”, e as respostas foram variadas entre cordel e folheto.

Após esta conversa inicial, explanamos sobre a nomenclatura da Literatura de Cordel, acerca do contexto histórico no Brasil e sua contribuição, sobretudo, para a alfabetização e letramento dos nordestinos. Ressaltamos também sobre a diversidade temática desta arte e, conseqüentemente, sobre suas diversas funções no cenário brasileiro.

Para tratar da estrutura do cordel, primeiramente fizemos uma roda de leitura, seguindo parte do roteiro de leitura sugerido por Alves (2018): “À medida que for lendo, já pode ir discutindo” (ALVES, 2018, p. 50). Solicitamos que cada aluno lesse a primeira estrofe dos cordéis escolhidos, depois observassem que nas estrofes havia certos números de linhas, quase que idêntica no tamanho, os conhecidos versos. No fim de algumas linhas, há palavras que terminam parecidas no som, a este fato damos o nome de rima. Notamos que os alunos estavam atentos às discussões. Sugerimos que eles escolhessem nos seus cordéis estrofes aleatórias, lessem e destacassem as palavras que rimavam. Embora alguns alunos mostrassem dificuldade, a maioria conseguiu detectar as rimas em suas respectivas estrofes.

Explicamos aos alunos as funções principais das rimas no cordel, que são a musicalidade permitida por uma escrita bem rimada, e a memorização do texto. Lemos o cordel “O abc do preguiçoso”, de Varneck Nascimento (2012), de forma musicalizada para fazer uma demonstração da utilidade musical da rima. Num tom de brincadeira, solicitamos que os alunos escolhessem o ritmo a ser seguido com a leitura do cordel. Assim, lemos o cordel em forró e em rap; os alunos notaram como o texto “se

encaixava certinho”³. A partir deste momento, a oficina começava a se direcionar para o trato da performance, pois mostramos outras formas de leitura do cordel, com destaque ao aspecto teatral, sempre reforçando a linguagem do corpo em movimento.

Com auxílio de um Datashow, esclarecemos acerca das maneiras maneira de ler, pois em algumas situações alguém poderia declamar em voz alta para um público ouvinte. Mostrando a imagem que representava o momento da exposição oral de um cordel feita por uma pessoa, o declamador, para um público, ressaltamos que se tratava de uma leitura que precisava de performance.



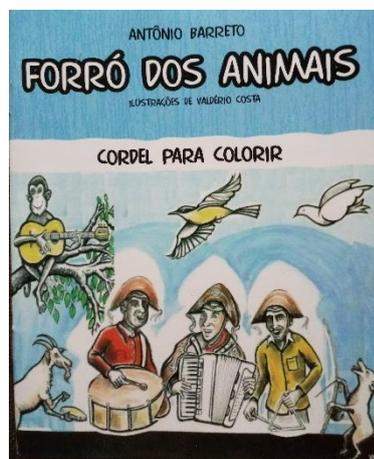
Figura 1 disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/transformacoes-em-cordel-1.1469622>> Acesso em: 28 nov. 2019.

Não aprofundamos o tema performance nesta aula, optamos por destacar o cordel para que o aluno conhecesse melhor o gênero. Para a abordagem das ideias performáticas, planejamos um momento específico. Outra observação importante é que, mesmo falando de ritmos, não houve destaque à métrica, ainda precisávamos aguçar o conhecimento do aluno acerca do cordel. Escolhemos para posteriormente tratar da métrica, quando trabalhássemos de forma prática a performance. Quanto aos resultados dessa etapa da oficina, percebemos melhor a interação dos alunos com o tema, mesmo prevalecendo o aspecto teórico da aula.

A continuação da segunda etapa aconteceu no dia 21 de agosto, no mesmo horário das anteriores. Foi o dia de apresentarmos aos alunos as características da performance. Nessa ocasião, revelamos aos alunos os cordéis selecionados para o trabalho, conforme a escolha temática dos próprios estudantes. Apresentamos, então, os folhetos “O patinho feio nas ondas da internet” e “Forró dos animais”, ambos do cordelista baiano Antônio Barreto. É válido ressaltarmos que para a escolha dos cordéis, analisamos antes o perfil da turma e as temáticas que certamente agradariam aos alunos, como, de fato, ocorreu na prática. Não foi uma decisão aleatória baseada somente na intenção do professor, mas para corresponder os anseios dos alunos de faixa etária que estudam o 5º ano.

³ Foi a linguagem utilizada no momento da aula.

Com os textos em mãos, apresentamos breves e pontuais dados biográficos do autor, que vêm escritos nos folhetos de sua autoria. Aproveitando a oportunidade em que os cordéis já eram do conhecimento dos alunos, começamos uma discussão acerca da estrutura de ambos. “O patinho feio” é escrito em quadra, com estrofes que rimam no segundo e quarto versos, já “Forró dos animais” tem estrofes com seis versos, as famosas sextilhas.



Neste momento, percebendo que era oportuno, abordamos sobre a métrica, e explicamos que esse elemento é o que ocasiona uma leitura com ritmo pretendido pelo autor.

Chegava o momento de aprofundar sobre a leitura performática. Esclareceu-se do que se tratava a performance: um acontecimento teatral no qual a voz e o corpo dão movimento ao texto. Esclarecemos que cada leitura oral era uma inédita performance e a performance pode ser associada ao jogo, fato que seduz o leitor, ambas as características estão na essência do cordel e são percebidas pelo poeta vendedor que usava (ainda usa) estes artifícios para atrair a atenção do ouvinte, como explica Galvão (2010), ao notar em seus estudos sobre o perfil do leitor ouvinte que a “sedução do enredo, a gesticulação, a performance de um leitor competente pareciam decisivas na fruição da leitura e na decisão de compra dos livretos” (GALVÃO, 2010, p. 137). Com o trabalho desenvolvido aqui, embora não tivesse a intenção mercadológica, usamos o cordel como texto sedutor na busca de conquistar mais leitores e o jogo performático pode contribuir para esse objetivo.

Exemplificamos, de forma oral, quão diferente é o leitor solitário, em seu quarto, lendo apenas para o próprio entender, do leitor que lê para uma plateia. No segundo

caso é preciso lançar mão da voz, com tom que alcance o público e uma linguagem gestual convidativa para a apreensão estética do cordel.

A leitura em voz alta denota a relevância da materialidade fônica da poesia e se realiza como forma renovadora da mediação e se realiza como forma renovadora de mediação do poético com o leitor (MORAIS; DOMINGOS, 2016, p. 305).

Na leitura individual e silenciosa, os elementos sonoros da poesia não são colocados em evidência tal como ocorre na leitura oral para um público específico.

Dando prosseguimento, no intuito de ampliar o conhecimento do aluno acerca do cordel e da performance, assistimos a uma reportagem do Globo Rural⁴ acerca da Literatura de Cordel. Ao passo que o vídeo avançava, destacávamos os elementos performáticos das leituras feitas pelos personagens e entrevistados. Ao fim do vídeo, provocamos os alunos acerca da compreensão e envolvimento com as abordagens. Os estudantes, aos poucos, demonstravam mais interesse e compreensão em relação à temática, sobretudo no que se referia à leitura teatral.

Ainda nesta aula demonstrativa, trouxemos o vídeo de grande circulação nas mídias sociais da garota Samira Maria Macedo de Abreu⁵ declamando o cordel sobre a lei Maria da Penha. O importante desse vídeo é que se trata de uma criança de faixa etária abaixo dos alunos da pesquisa, que consegue fazer uma leitura performática, compreensível e convidativa esteticamente.

A partir deste momento, sentimos que os alunos já começavam a desenvolver a simpatia pelo cordel, principalmente por meio da performance que é um acontecimento lúdico e dinâmico na leitura de um texto e isso é atraente para a criança. Com isso, concretizamos as etapas que tiveram como intuito principal o desenvolvimento da compreensão do cordel e da performance. Foram oficinas que misturavam o encaminhamento para a recepção estética do texto com a ampliação do conhecimento teórico e conceitual do cordel e da performance da voz e do corpo.

4.3 Terceira Etapa: Preparação

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ> > Acesso em 21/08/2019.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=1WLDjuHL658> > Acesso em 21/08/2019.

No quarto dia de prática, 22 de agosto, demos ênfase ao cordel *corpus* do projeto, “Forró dos animais”. Reproduzimos e distribuimos cópias do folheto em estudo para que cada leitor/aluno ficasse com um exemplar do texto. Assim começamos as ações em torno da produção performática dos alunos.

Antes de irmos ao cordel dos animais, escrevemos no quadro a primeira estrofe do cordel “O testamento do cachorro” para reforçar as análises acerca da estrutura da estrofe com seis versos. Após este momento de reflexão, iniciamos uma discussão sobre as maneiras de fazermos leituras performáticas. Usando a própria performance, mostramos a diferença entre um leitor que faz a leitura no seu espaço individual, de forma silenciosa, e o que ler oralmente para um público, utilizando a voz num tom que possa alcançar os ouvintes. Questionamos sobre qual tipo eles observaram mais nitidamente a performance; os alunos, sem exceção, apontaram o segundo exemplo. Reforçamos que, para a performance acontecer, alguns elementos básicos precisam estar em jogo, tais como: voz do leitor (orador ou auditor) em alto tom, um público ouvinte/espectador e os movimentos corporais, como gestos e expressões faciais. Todos esses pré-requisitos são fundamentais, destarte,

para ouvir a voz que pronunciou nossos textos, basta que nos situemos no lugar em que seu eco possa talvez ainda vibrar: captar uma performance, no instante e na perspectiva em que ela importa, mais como ação do que pelo que ela possibilita comunicar. Trata-se de tentar perceber o texto concretamente realizado por ela, numa produção sonora: expressão e fala juntas, no bojo de uma situação transitória e única. (ZUMTHOR, 1993, p. 219).

A completa performance, esclarecemos, pode acontecer na sala de aula, pois nela está o próprio espaço de atuação do declamador, esse pode ser o professor e, principalmente, um aluno. Os demais colegas atuam como público ouvinte coator e coautor do momento performático.

Terminadas as considerações, começamos a explorar o texto *corpus*. Solicitamos que alguns alunos, de forma voluntária, lessem uma estrofe. Quatro alunos leram sequencialmente as primeiras estrofes. Observamos sobre quais alunos fizeram a leitura com notáveis requintes performáticos orais, ou seja, qual aluno leu num tom que pudesse ser ouvido pelo público ou qual apresentou uma linguagem corporal que ajudasse na declamação. Aproveitando o momento, destacamos que a performance pode ser desenvolvida através de estudos e ensaios.

No nosso caso, para conseguir a performance, realizamos alguns ensaios, através dos quais fomos observando a forma que os alunos liam. Gradativamente, orientávamos os estudantes como eles deveriam proceder para que a sua leitura em voz alta tivesse melhor adequação à linguagem performática.

Realizamos, coletivamente, o primeiro ensaio. Orientamos cada aluno a fazer leitura com pausas ao fim de cada verso. Isso o ajudou a perceber como se dava o ritmo de leitura de um cordel. Aos poucos, os alunos perceberam que em uma leitura performática precisa respeitar o tempo e espaço de um verso ao outro. Além disso, ressaltamos que precisamos dar ênfase aos versos que rimam para a leitura ganhar aspectos de musicalidade e teatralidade. Repetimos estes ensaios de forma coletiva algumas vezes.

Após os ensaios coletivos, perguntamos quais alunos queriam participar da leitura performática a ser filmada e transformada em um material audiovisual. Oito alunos estavam convictos de que queriam participar. Mas ainda precisávamos de mais dois estudantes para completar a leitura do texto, sendo uma estrofe para cada, caso contrário, alguém seria solicitado a fazer a leitura de mais de uma estrofe. Depois de argumentarmos a importância da participação deles no projeto, chegamos ao total necessário para fazer o trabalho prosseguir. Dividimos entre os alunos as estrofes do cordel “Forró dos animais”.

Iniciamos a nova fase dos ensaios, cada aluno lia sua estrofe, formando, assim, o jogral performático. “O intuito do jogo de vozes é experimentar a leitura em voz alta de cada estrofe, imprimindo no poema marcas interpretativas e sendo atravessada pela materialidade daquelas palavras” (MORAIS; ALVES, 2016, p. 306). Cada performance é uma nova identidade sonora do texto. Trabalhamos o cordel *corpus* para ser apresentá-lo numa vídeo-aula, decodificado e capaz de mostrar diversificadas maneiras de exibir as estrofes em voz alta e com o corpo em movimento.

Consolidando uma gradativa aproximação, neste dia observamos melhor envolvimento e interesse dos alunos, mesmo alguns estando indecisos quanto à participação na leitura compartilhada do cordel. Foi nesta etapa que começamos o trabalho com o texto de forma mais dinâmica e lúdica, o que, de forma notável nas observações, atrai o aluno a receber a mensagem de maneira prazerosa. Com estes ensaios, pensamos em melhorar primeiro a performance da voz, deixamos para aperfeiçoarmos a linguagem corporal no dia posterior.

No dia 26, do mesmo mês, iniciamos o trabalho com a performance do corpo. Cada aluno declamava novamente sua estrofe e nós observávamos o modo que usava as mãos e/ou se movimentava. Os participantes como declamadores se comportavam de modo diferente na leitura performática, fator comum, sabemos que “as modalidades da performance realçam principalmente o estilo pessoal do interprete” (ZUMTHOR, 1993, p. 220).

A maioria dos alunos memorizara sua estrofe, alguns, no momento da leitura oral ou declamação, talvez por timidez, se comportavam de modo que transparecia a insegurança. Inclusive um dos alunos selecionados decidiu não continuar tentando, assim, acordamos que outro colega faria a declamação de duas estrofes. Outro fato característico da leitura performática chamou a atenção: um aluno que tem dificuldade de leitura das palavras escritas conseguiu memorizar a primeira estrofe do cordel apenas ouvindo o declamar. O que nos leva a ponderar que o cordel é um gênero promissor no que se refere ao letramento. Mesmo o aluno não dispondo de boa capacidade de decodificação dos símbolos linguísticos gravados através da escrita, como ouvinte consegue participar da leitura. Esse é o ponto chave da performance, promover a recepção do espectador ouvinte no ato da transmissão feita por um orador capacitado. Este fato oportunizou o re-esclarecimento do conceito central de performance que “aparece como uma ação oral-auditiva complexa, pela qual uma mensagem poética e simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora. Locutor, destinatário (s), circunstâncias acham-se fisicamente confrontados, indiscutíveis. (ZUMTHOR, 1993, p. 222). Como o acontecimento marcou um momento salutar do trabalho prático, convidamos o aluno supracitado a abrir o jogral. O mesmo aceitou e, então, reorganizamos a divisão das estrofes.

No decorrer da segunda parte dos ensaios, os alunos melhoravam suas performances. Como as encenações poéticas aconteciam durante as aulas, todos os alunos participavam. Gargalhadas eram frequentes nas execuções das performances dos colegas. O importante é que depois desses preparativos os alunos já estavam prontos para gravar as performances.

4.4 Quarta Etapa: Acontecimento performático

As gravações foram um capítulo à parte. Primeiramente, na iminência da construção de um tutorial, pensamos em filmar todas as etapas das oficinas no ato,

de forma natural. No entanto, logo ficou claro que não seria possível, pois poderíamos diminuir o enfoque nos objetivos pretendidos para dar atenção às filmagens. Desse modo, acordamos com a turma que primeiro faríamos a aplicação das oficinas e, após os resultados, montaríamos o roteiro de gravação baseado no trabalho feito nas aulas.

Assim fizemos, dividimos e planejamos as cenas e as imagens a serem reproduzidas no vídeo, com foco nas atuações performáticas das crianças. As gravações centraram-se na voz e na ação corporal durante a declamação, isso porque corpo e voz parecem indissociáveis. “Toda voz emana de um corpo, e este, numa civilização que ignora nossos procedimentos de registro e de reprodução, permanece visível e palpável enquanto ela é audível” (ZUMTHOR, 1993, p. 241). Com a produção do material audiovisual das performances dos alunos, ocorrem a fixação e manutenção no tempo de um acontecimento performático. Assim, toda vez acessado o material, será uma oportunidade nova de percepção poética que vai além da palavra escrita.

Devido a problemas técnicos, como iluminação e o som ambiente, as filmagens tiveram de ser adiadas duas vezes; no primeiro evento, a iluminação natural não estava de acordo com o desejado, pois naquela tarde o céu estava nublado. Um segundo imprevisto aconteceu quando, no momento planejado, os alunos da sala ao lado estavam realizando uma atividade recreativa e produziam sons que interferiam na percepção da performance dos alunos envolvidos no projeto, o que certamente influenciaria na qualidade do material. Quanto ao cenário, alguns pequenos ajustes seriam necessários, mas que não fossem exagerados, para não fugir da realidade da sala de aula.

Depois de ajustados e resolvidos os imprevistos, as filmagens finalmente aconteceram. Passaram-se alguns dias até a concretização do acontecimento performático. O cenário foi o mais natural possível, haja vista que se trata de uma oficina em sala de aula. Concentramo-nos na performance da voz e a utilização do corpo dos alunos no momento de transmissão sonora da estrofe que cada um ficou responsável.

Fizemos as filmagens com um celular, e captamos os áudios com outro aparelho, isso porque nosso trabalho de captura das cenas ocorreu durante o horário normal das aulas e o som ambiente poderia interferir negativamente nas performances, sobretudo, da voz.

A meta sempre foi que ao fim do projeto os alunos envolvidos pudessem ter avançado na leitura, durante o processo das oficinas, principalmente durante os ensaios. Fizemos acompanhamentos avaliativos a fim de perceber como cada discente se desenvolvia. De fato, com a implementação da poesia na escola, por um viés estético, o aluno pôde aprender brincando com as palavras, teatralizando, cantando e podendo perceber seu desenvolvimento nas gravações feitas no celular. Além disso, o “aparelho celular é um suporte que está programado para receber diferentes mídias (vídeo, fotografias, gravações de áudio) como também permite o acesso a outros meios de comunicação (rádio, televisão, internet, etc.)” (BARRAL, 2012, p. 98). O aparelho celular é hoje um importante material de apoio às aulas de qualquer componente curricular. Os cidadãos usam cada vez mais esse aparato tecnológico para resolver questões do seu dia a dia. Na sala de aula, pode ser usado para diversas ações, desde suporte para leitura na própria tela à produção de importantes trabalhos pedagógicos. Nossa intenção foi utilizá-lo como apoio, pois com ele pudemos filmar as performances dos alunos e fazer avaliações do desenvolvimento deles.

Com o material gravado pudemos também ter um produto pedagógico importante para nós e outros professores seguirem os mesmos passos na construção de uma prática voltada para a leitura performática, além de adaptá-lo para outras situações de leitura oral. Outro importante aspecto é que com o vídeo, após a assinatura de termos legais de permissão de uso da voz e imagem, os alunos e os professores podem divulgar o trabalho em outras mídias digitais e/ou em eventos culturais, escolares e acadêmicos.

A reação dos alunos após a observação de suas performances por meio do material filmado na aula nos deu uma visão positiva acerca do nosso trabalho. Eles puderam fazer a autoavaliação e perceber o quanto conseguiram desenvolver no decorrer de nossas aulas. Além disso, o prazer ao observar sua própria ação foi revelado nas gargalhadas com os colegas.

Outra etapa do nosso trabalho foi a edição dos vídeos filmados. Como filmamos as apresentações de cada aluno separadamente, tínhamos de juntá-las para formar um único material, assim, a escolha e a montagem precisam ser criteriosas. Para o trabalho editorial, usamos o aplicativo KineMaster. É um produto de boa qualidade e acessível porque pode ser baixado gratuitamente na plataforma Play Store. Assim, o

qualquer professor que deseje, em algum momento, trabalhar com edição de vídeo pode utilizá-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literatura de Cordel tem sua marca na história do Brasil, e a história dessa nação marcou a produção literária dos cordelistas. Uma arte poética que mesmo tendo tamanha importância no quesito historiografia, pouco é trabalhada no contexto escolar. Os aspectos históricos são apenas uma de suas peculiaridades, pode se destacar também o legado do cordel no que se refere à alfabetização e letramento de várias gerações, sem falar na construção do conhecimento a partir das narrativas baseadas em fatos reais transmitidas para um público que não tinha acesso às mídias modernas.

O tempo passou e o cordel continua sendo um importante gênero, e isso fez com que ele tenha adentrado no universo acadêmico, principalmente por proporcionar diversas direções de pesquisa. Nas referências desta dissertação, por exemplo, podem-se citar, pelo menos, três importantes trabalhos sobre o cordel que tomaram caminhos diferentes: Ana Maria de Oliveira Galvão (2010) preocupou-se em traçar o perfil do leitor/ouvinte do cordel na história; Joseph Luyten (1992) destaca o caráter noticioso e Edilene Matos (2007) elabora uma reflexão sobre a intersecção da escrita e da oralidade na composição dos folhetos. Uma lista bem maior seria possível se elaborássemos uma investigação das possibilidades analíticas a partir do cordel.

O que as pesquisas dos três estudiosos da Literatura de Cordel citados têm em comum é que tiveram que lidar com as marcas da oralidade presentes no cordel, mesmo esse sendo escrito. Na leitura de uma notícia escrita num folheto, os leitores/ouvintes precisam estar atentos à composição formal para a produção do cordelista torna-se acessível e possibilitar a memorização; falar de cordel é também tratar de uma literatura da memória e da oralidade.

Outro aspecto da oralidade é a possibilidade de envolver diversos leitores ao mesmo tempo. Historicamente, o cordel é lido para um público de ouvintes que participa da narrativa e podem sentir o deleite estético, principalmente quando a exposição for feita com moldes de teatralidade. Em um espaço onde alguém lê em voz alta para outras pessoas, todos participam do momento comunicativo do conteúdo expresso no folheto escolhido. É neste acontecimento que se observa a presença da performance.

A performance é um acontecimento no qual se dá destaque à voz e ao corpo. No momento da exposição oral e da leitura em voz alta de um texto poético o tom de voz e os movimentos corporais trabalham em sintonia para definirem a qualidade da transmissão do conteúdo que se deseja passar. Podemos observar os elementos performativos na linguagem das artes cênicas, pois nessa, o corpo e a voz são colocados em atividade a serviço de uma apresentação que seja agradável ao público. Em síntese, para que aconteça a performance é preciso um espaço onde tenha um público espectador e um auditor ou orador que faça a transmissão apreciável, e para isso, o uso adequado da voz e do corpo é essencial.

Considerando o cordel como uma arte literária rica esteticamente, realizamos o trabalho descrito, em uma escola da rede municipal de Cícero Dantas Bahia, com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Desenvolvemos em forma de oficinas e a coleta de dado esteve sempre pautada no desenvolvimento da performance dos alunos da referida turma. A partir do folheto “Forró dos animais”, de Antônio Barreto (2017), os alunos tiveram a oportunidade de melhorar sua capacidade leitora de expressão vocal e corporal. Atrelado a essa possibilidade, objetivamos também despertar o gosto pela leitura do cordel, seja para deleite próprio ou para exposição em voz alta para um público de ouvinte no seu contexto familiar.

Como material produzido a partir da realização das oficinas, temos a vídeo-aula como material de avaliação das performances e o *Tutorial pedagógico* que é um produto direcionado a professores que desejem trabalhar com a performance a partir da leitura oral do cordel. É importante ressaltar que para a produção e divulgação do material pedagógico desenvolvido com a performance dos alunos, foi assinado na escola o termo de consentimento pelos próprios alunos e pelo responsável legal, haja vista que se trata de uma turma em que todos os alunos pertencem à faixa etária abaixo dos 18 anos de idade.

Como resultado, notamos que os alunos entenderam a proposta e, ao mesmo tempo, alcançaram o conhecimento sobre o cordel e sobre a performance. Além da ativação da compreensão sobre os elementos e conceitos trabalhados nas oficinas, os mesmos se envolveram com a pesquisa e se divertiram, principalmente, na etapa de preparação. Ficaram também satisfeitos com os resultados expressos no material audiovisual. Sendo assim, o trabalho que desenvolvemos com a Literatura de Cordel foi positivo e gratificante, pois alimentou o gosto pela leitura e, principalmente, a valorização da cultura pautada no popular.

É oportuno enfatizar, portanto, da nossa contribuição para o enriquecimento de práticas pedagógicas promissoras do desenvolvimento intelectual e da cultura leitora; todos esses aspectos tornam o presente trabalho fundamental e relevante para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Cordel para crianças: aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá na sala de aula. In; DEBUS, Eliane, BAZZO, Jilvania Lima dos Santos e BORTOLOTTI, Nelita. **Poesia (Cabe) na Escola**: por uma educação poética. 1. ed. Campina Grande: EDUEG, 2018, p. 49 – 66.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Liga esse Celular! Pesquisa e Produção Audiovisual em Sala de Aula**. Gepiadde, Itabaiana, v. 12, 2012. P. 94 – 117

BARRETO, Antônio. **Forró dos Animais**. Salvador: Vento Leste, 2017.

. _____ **O patinho feio nas ondas da internet**. 8. ed. Salvador: Akadicadikum, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **Direito à Literatura**: Vários Escritos. 1988, p. 169 -191.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Itatiaia, 1984.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Cordel**. São Paulo: Hedra, 2003, p. 37- 45.

CHIANPPINI, Ligia. Leitura, ensino e política. In. CHIANPPINI, Ligia. **Reinvenção da Catedral**: Língua, literatura, comunicação, novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005, p. 164 – 181.

COELHO, Nelly Novaes. A poesia destinada a criança. In. COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. p. 221-273

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 139 p.

COSTA, Jocivânia da Silva. **Leitura Literária: Estratégia para a formar leitores de folhetos de cordel**. 2018. 138 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS), Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2015.

ECO Umberto. O leitor Modelo. In. Eco, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 37 – 49.

ESPEIORIN, Vania Marta e RAMOS, Flávia Brocchetto. O texto poético em diálogo com o universo infantil. In. DEBUS, Eliane, BAZZO, Jilvania Lima dos Santos e BORTOLOTTI, Nelita. **Poesia (Cabe) na Escola**: por uma educação poética. 1. ed. Campina Grande: EDUEG, 2018, p. 17 - 32

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Carlos Magno; CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva. A performance do cordel como prática de leitura literária. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*. v. 18, n. 1, 2016. Disponível em: . Acesso em: 18 abr. 2017.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUBE, Vicent. **Porque estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marciolino: São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

LAMAIRE, Ria. **Tradições que se refazem**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 35, p. 17 – 30, 2010

LUYTEN, Joseph M. **A Notícia na Literatura de Cordel**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. 168.

MATOS, Edilene. **Literatura de Cordel: a escuta de uma voz poética**. *Habitus*. Goiânia, v. 5, n.1, p. 149-167, 2007.

MORAIS, Mario Ribeiro; DOMINGOS, Michele Moraes. A performance como estratégia de Leitura de poesias. In. GOMES, Carlos Magno (org). **Crítica Cultural e Estudos Literários**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016, p. 302 – 3010.

REZENDE, Neide Luzia de. A Formação do Leitor na Escola Pública Brasileira: Um Jargão ou um Ideal? In. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). **Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014.

ROIPHE, Alberto. **Literatura e ensino: contribuições da articulação verbo-visual para a criação do ato didático** *Literatura andteaching: contributionsof verbal-visual connection to the didactic action creation*. *Revista Educação On-line*, n. 11, p. 56-72, 2012. Disponível em < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20877/20877> > Acesso em 18 nov. 2017.

ROUXEL, Annie. Ensino da Literatura: Experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). **Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014.

SOUZA, José Augusto de. **A Poesia do Sertão: um desejo de articulação de saberes**. 2016. 82 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós- Graduação em

Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS), Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2015.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas:** literatura de folheto do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

THIOLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.** A “literatura” medieval. Tradução de Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

_____. **Performance, Recepção e Leitura.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A. Trabalho com ritmo – rimas e sílabas tônicas.

Rima e ritmo

Cordel quer dizer barbante
 Ou senão mesmo **cordão**,
 Mas cordel-literatura
 É a real **expressão**
 Como fonte de **cultura**
 Ou melhor poesia **pura**
 Dos poetas do **sertão**
 (Rodolfo Coelho Cavalcante)



O patinho feio estava
 solitário no **jardim**,
 de repente apareceu
 a garota **Yasmim**.

Ela disse: “eu me enganava”
 ao pensar que era **feio**,
 mas você é muito lindo!
 vou lhe dar o meu **emeio**.

Anote, querido pato;
 yasmim **@bol**
 ponto com ponto br
 moro na rua do **sol**.

Ao chegar na sua escola,
 ele estava **radiante**,
 muito cheio de alegria
 otimista e **confiante**.

Bem cedinho ele acordou,
 foi pra escola **estudar**,
 porque era um garoto
 aplicado e **exemplar**.

O momento ideal
 ele soube **esperar**
 e através do WhatsApp
 com ela **dialogar**...

PROFLETRAS - UFS



TUTORIAL PEDAGÓGICO

**LEITURA DE CORDEL: PERFORMANCE NA DECLAMAÇÃO
DE FOLHETOS INFANTIS**

Rildo Vivaldo Teles

ITABAIANA

2020

APRESENTANDO O TUTORIAL

Caro professor,

Este material didático é um tutorial pensado para explicar como se deu, passo a passo, a realização de uma pesquisa prática em sala de aula por meio de oficinas realizadas durante o mês de agosto de 2019. É fruto do projeto idealizado para corresponder aos nossos anseios durante o Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - e parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Trata-se da demonstração do trabalho com a performance do cordel, observada durante a leitura em voz alta e tem como objetivo oportunizar aos professores que trabalham com leitura uma orientação no que concerne ao desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno.

O percurso prático, o qual apresentamos para os colegas professores de Língua Portuguesa, se concretiza através de atividades realizadas com alunos do 5º ano, mas, asseguramos, que podem ser desenvolvidas com qualquer turma do ensino fundamental, desde que feitas as devidas alterações.

Por fim, convidamos para adentra no universo cultural da Literatura de Cordel e da performance em sala de aula com os alunos sendo protagonistas na construção do saber possibilitado pela leitura.


SUMARIO

✦ Um pouco de conversa sobre cordel e performance.....	3
✦ Etapas das oficinas.....	6
✦ Apresentação.....	7
✦ Contextualização.....	9
✦ Preparação.....	14
✦ Acontecimento performático.....	17
✦ Vamos encerrando por aqui.....	19
✦ Consultamos para nos ajudar.....	20

UM POUCO DE CONVERSA SOBRE CORDEL E PERFORMANCE

A Literatura de Cordel é o gênero escolhido para a prática e não foi uma escolha aleatória. O nosso objetivo é desenvolver a capacidade expressiva oral do aluno e, para alcançá-la, pensamos na performance do cordel. Além disso, a escola na qual atuamos está localizada no meio rural, assim, deduzimos que, produções pertencentes ao universo popular fazem parte do acervo cultural dos alunos e dos pais habitantes do campo; durante a pesquisa ficou mais clara esta constatação.

Mas, o que é Literatura de Cordel? São variadas as denominações, por isso é

importante trazer como exemplo imagem de folhetos para melhor entendermos.



<https://www.todamateria.com.br/literaturadecordel/> > Acessado em 02/12/2019

A figura, ao lado posta, traz algumas especificações iniciais do cordel quanto a sua edição, comercialização e suporte. Assim, podemos dizer que é uma literatura escrita e editada em um material de tamanho reduzido, o qual chamamos

de folheto o qual é, tradicionalmente, exposto e comercializada em feiras livres. Por esse critério, podemos dizer que a “denominação “de cordel” prende-se ao fato de os folhetos serem expostos ao público pendurados em cordéis” (ABREU, 2008, p. 19). A exposição a qual Abreu (2008) se refere pode ser também ser observada atualmente em eventos literários.

O poeta escritor é, historicamente, divulgador e comerciante de suas próprias criações. Na contemporaneidade, o cordel ganha novas dimensões comerciais e de circulação. A internet, por exemplo, tem sido um espaço privilegiado de divulgação e movimentação virtual do cordel. Hoje, muitos cordelistas utilizam plataformas digitais na rede para levar ao público consumidor suas publicações.

A denominação Literatura de Cordel não é unânime, embora a mais genérica. Edilene Matos (2007), como conhecedora das especificidade do gênero, afirma que usa variadas formas de alusão ao cordel. “Utilizo, sempre e propositadamente, três

denominações diferentes, embora sinônimas, para o mesmo corpus: literatura de folhetos, literatura de cordel, literatura ‘popular’ em verso, com a finalidade de acentuar as várias faces” (MATOS, 2007, p. 149). Essas denominações diversas acontecem, como a própria estudiosa ressalta, porque o cordel é amplo no que concerne suas facetas conceituais.

Podíamos nos estender sobre a nomenclatura do cordel, mas, para esse momento, ficamos só na explicação acerca do nome Literatura de Cordel.



<http://maledromances.blogspot.com/2015/09/folha-de-cordel-em-nomhal-nb.html> Acesso em 02/12/2019

leituras ocorriam em um espaço distinto da casa e era feita por um leitor capacitado para um público ouvinte. Este acontecimento possibilita a participação coletiva de leitores na transmissão de um conteúdo escrito no folheto lido.

A forma oral de apresentar as narrativas do cordel é um elemento destaque na relação do leitor com a obra, “a influência da escrita dá-se de modo parcial, pois nela as marcas da oralidade se afirmam, e a força da voz viva se impõe de modo indelével. (MATOS, 2007, p. 150). É, de fato, um momento único a apresentação de um cordel para o público.

É importante ressaltarmos a maneira como o leitor (que exerce a função de declamador) expõe oralmente o cordel para outros leitores (exercendo a função de ouvintes). Este acontecimento dá luz à *performance* do corpo e da voz, questão crucial nesta pesquisa e que mostraremos como precisamos proceder para alcançá-la nas aulas de Língua Portuguesa.

A *performance* também é um termo que deve ser explicado para o leitor entender o direcionamento do trabalho realizado em sala de aula. Primeiramente, é importante entender que “quando a comunicação e a recepção (assim como, de

O cordel também tem caráter amplo no que tange a sua função no contexto cultural brasileiro, porém o foco deste tutorial é destacar a possibilidade de leitura oral a ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa. É preciso enfatizar, desse modo, que, historicamente, o cordel tem sido material promissor de leitura, sobretudo, no Nordeste. As

5

maneira excepcional, a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance” (ZUMTHOR, 1993, p. 19). Em uma circunstância de leitura em voz alta, temos o orador ou declamador que faz a transmissão, o mesmo lança mão de variados recursos sonoros através da fala (tom de voz, ritmo de leitura) e também utiliza o suporte do corpo (através dos gestos, expressões faciais e movimentos coerentes com a mensagem que pretende passar). Na ocasião transmissiva, é importante que a voz seja direcionada a um público ouvinte o qual recebe o texto e, assim, participa da audição no tempo e no espaço que ocorre a comunicação; essa combinação de elementos pontuais concretizam a *performance*. Na leitura oral do cordel, ambos os fenômenos citados por Paul Zumthor (1993) acontecem; a transmissão feita por um declamador e a recepção concretizada por meio dos espectadores ouvintes.

No ato da apresentação, a performance pode ser observada através do ritmo de leitura, do tom de voz e dos gestos feitos pelo declamador. Isso porque, “no uso mais geral, performance se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual” (ZUMTHOR, 2014, p. 41). Trata-se de uma linguagem do corpo, observada e apreciada pelo espectador atento, como ocorre nas artes cênicas.

Depois deste breve passeio pelos conceitos de cordel e performance, destacamos que trabalhar com a leitura oral na sala de aula tem sua relevância no desenvolvimento pessoal e social do aluno. Em diversos momentos de sua vida, esse deverá utilizar a capacidade de expressão oral para obter sucesso na comunicação e, não muito raro, no mercado de trabalho. No espaço escolar e, posteriormente, no universo acadêmico, a importância deste trabalho se justifica devido aos constantes momentos de apresentação oral de produções do próprio aluno ou de terceiros.

QUADRO DE CONCEITOS

Performance	Linguagem vocal e corporal. Modo peculiar de um declamador ler um texto, quase sempre memorizado, em voz alta e gesticulando coerentemente para um público ouvinte.
Literatura de Cordel	Poesia escrita em versos padronizados quanto a forma e editado em folhetos, livretos ilustrados, comumente, por xilogravuras na capa.

6

Oralidade	Tradição na qual as pessoas guardam narrativas, memórias e saberes a serem transmitidos por meio da voz de um locutor que fala ao ouvido de um interlocutor.
-----------	--

UM POUCO SOBRE MINHA PRÁTICA

Nosso trabalho é voltado para a melhoria da formação leitora do aluno do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior baiano. Com esta prática educativa, visamos ampliar a capacidade expressiva oral e o gosto pela leitura dos estudantes envolvidos.

A escola foco de nosso trabalho é de pequeno porte, nela funcionam cinco turmas, divididas em educação infantil e ensino fundamental 1. Como já mencionamos, nosso público estuda no quinto ano, é formado por alunos pertencentes à faixa etária por volta dos 11 anos. Com base nestas informações, trabalhamos textos que abordam temáticas agradáveis às crianças e que também possibilitam a interação delas com a obra e com outras, pois acreditamos ser importante para se sentirem envolvidas e representadas.

Escolhemos os cordéis e os alunos escolheram a temática. Os folhetos “O patinho feio nas ondas da internet” e “Forró dos animais” apresentam aspectos semelhantes às fábulas, sobretudo, no que se refere aos personagens, animais que pensam e agem como humanos. Crianças se identificam com os animais das narrativas fabulares.

Desenvolvemos nossa prática por meio de oficinas, as quais serão melhor explicadas posteriormente nesse tutorial. Nosso foco sempre foi o desenvolvimento da performance, fundamental para a desenvoltura expressiva oral.

Durante as atividades, percebemos que os alunos iam se envolvendo de forma gradativa. No início, eles se mostravam tímidos, mas, logo que começamos a trabalhar com os textos selecionados, passaram a interagir conosco e com os colegas. Embora nem todos alunos da turma tenham feito a leitura oral do cordel, a participação foi coletiva e total, haja vista que em uma situação performativa da voz os leitores ouvintes são parte fundamental para desenrolar da declamação.

Após o percurso planejado para a aproximação dos alunos com o universo do cordel, fizemos ensaios para que eles pudessem entender o que é performance na prática. Depois de ensaiarmos algumas vezes, sentimos que já estavam prontos para declamar o folheto “Forro dos animais”. A obra é formada por dez estrofes, assim, dividimos de modo que cada discente ficasse com uma estrofe para declamar em um jogral performático.

8

Como tínhamos a intenção de filmar as performances dos alunos, marcamos uma aula só para o jogral performático. Os alunos clamaram com tom de voz e expressões corporais adequados ao modo da performance. Depois que fizemos as filmagens, avaliamos juntos aos alunos as performances deles. Alguns gostaram mais do que outros de suas próprias desenvolvimentos.

Ficamos satisfeitos com os resultados. Os discentes passaram a conhecer melhor a Literatura de Cordel e as formas de leitura possíveis a partir do folheto, com destaque para a leitura performática. Percebemos na prática o quão é importante trabalhar com o cordel numa perspectiva da oralidade. Em nossa ação pedagógica, tivemos a oportunidade de melhorar a capacidade expressiva oral de nossos alunos e despertar o gosto deles pela leitura do texto poético.

ETAPAS DAS OFICINAS

O cordel corpus da pesquisa é “Ferro dos animais”, de Antônio Barreto. Nossa meta sempre foi que ao fim das oficinas os alunos pudessem declamar o cordel de modo que concretizasse a performance do corpo e da voz. Sabemos que cada aluno apresenta de maneira pessoal a leitura performática. Para tanto, dividimos as oficinas da seguinte maneira:

SÍNTESE DAS OFICINAS

Etapas	Descrição das oficinas	Objetivos
(I) apresentação	Apresentação da pesquisa. Momento de contato dos alunos com a Literatura de Cordel.	<i>Promover o contato do aluno com o gênero textual a ser trabalhado.</i>
(II) Contextualização	O momento de discussão sobre o conceito, histórico e funções do cordel. Também de explicação sobre a definição e em que momento ocorre a performance.	<i>Ampliar o conhecimento do aluno sobre cordel e performance.</i>
(III) Preparação	O momento de ensaios para cada aluno desenvolver sua performance da voz e do corpo.	<i>Melhorar a performance do aluno na declamação do cordel.</i>
(IV) Acontecimento Performático	Os alunos declamando num jogral performático e sendo filmado para montar o material audiovisual.	<i>Compartilhar as performances dos alunos desenvolvidas durante as oficinas.</i>

Como se trata de um tutorial a partir de uma prática real, em alguns momentos comentaremos o que cada ação pedagógica pode desencadear. Assim, para melhor situar o caro leitor, os comentários estarão em *itálico*.

(I) APRESENTAÇÃO

Agora que trouxemos as etapas das oficinas, vamos passear pelo percurso prático de cada uma delas.

No primeiro dia de trabalho, é importante esclarecer aos alunos a proposta do trabalho coletivo, lúdico e interativo com a leitura oral de textos pertencentes ao universo popular do Nordeste.

É fundamental explicar para os discentes a importância de se trabalhar com textos marcados pela possibilidade de exploração oral e que permitem um enfoque à ludicidade.



Prosseguindo o trabalho, deve-se distribuir exemplares de cordéis diversos, de autores atuais e outros mais tradicionais e consagrados na literatura cordelista. Colocar uma mesa em que contenha folhetos extras para que o aluno, caso deseje, possa trocar de texto, pois o intuito é que o estudante tenha autonomia

para escolher o folheto que mais lhe agrade.

Alguns podem fazer a troca. Assim urge a necessidade de fazer a primeira provocação acerca do que os levou a mudar de texto.

Os alunos que eventualmente trocam os exemplares recebidos podem não saber, ao certo, explicar, claramente, o motivo que os levou os escolher os livrinhos.



Após estas primeiras observações, deve-se organizar uma roda de conversa para que eles exponham suas primeiras impressões acerca do material, da estrutura do cordel ou do texto, se algum tiver feito a leitura. A nível de provocação e convite



para a breve discussão coletiva, é fundamental questionar sobre: a capa, o tamanho do material impresso, como está escrito nas folhas dos livrinhos, a estrutura. Possivelmente haja certa timidez por parte dos alunos, pois trata-se de uma prática nova.

É importante que o docente dê algumas pistas e possibilidades de resposta até que algum aluno responda.

Aproveitando o momento, pode ser exposto oralmente algumas características do material em estudo, tais quais o tamanho, as capas acompanhadas de um desenho que representa, sobretudo, o título. Esclarecer que aquele material pequeno, com poucas folhas, é conhecido como *folheto* e que o texto escrito se chama *Literatura de Cordel*.

Nesse primeiro momento, a intensão é de promover o contato do aluno com gênero. É o primeiro passo para chegar ao objetivo esperado que é a leitura performática; trata-se de uma preparação que segue alguns estágios até a configuração dos resultados almejados.

(II) CONTEXTUALIZAÇÃO

Para o segundo dia, a prática precisa ser encaminhada para aprofundar o conhecimento dos alunos acerca do cordel.

Os cordéis devem ser entregues novamente aos alunos, seguindo a mesma estratégia anterior de possibilitar a troca de texto quando os alunos quiserem. No segundo dia, o número de trocas pode ser maior. Após todos estarem com os folhetos em mãos, iniciar um diálogo retomando o que já havia sido tratado sobre o gênero textual, questionando se os alunos lembram como eram chamados 'aqueles livrinhos'.

Após tal conversa inicial, explorar sobre: a nomenclatura da Literatura de Cordel, acerca do contexto histórico no Brasil e sua contribuição, sobretudo, para a



alfabetização e letramento dos nordestinos. Ressaltar também sobre a diversidade temática desta arte e, conseqüentemente, sobre suas diferentes funções no cenário brasileiro.

Para tratar da estrutura do cordel, primeiramente deve ser feita uma roda de leitura. Solicitar que cada aluno leia a primeira estrofe dos cordéis escolhidos, depois observar que nas estrofes há certos números de linhas, quase que idênticas no tamanho, os conhecidos versos. No fim de algumas linhas há palavras que terminam parecidas no som, a esse fato se dá o nome de rima.

É importante sugerir que eles escolham nos seus cordéis estrofes aleatórias, leiam e destaquem as palavras que rimam.

Depois que os alunos detectarem as rimas, deve-se esclarecer para eles as funções principais delas no cordel, que são, principalmente: possibilitar uma escrita com requintes de musicalidade e facilitar a memorização do poema.



É importante fazer a leitura de algum cordel, a exemplo do cordel “O abc do preguiçoso” de Varneci Nascimento (2012), de forma musical para fazer uma demonstração da utilidade rítmica da rima. Num tom de brincadeira, solicitar que aos alunos escolham o ritmo a ser feito em uma leitura do cordel.

Assim, o professor pode ler o cordel em forró, em rap ou em qualquer gênero musical; os alunos notam como o texto “se encaixa certinho”¹.

A partir deste momento, a oficina pode ser direcionada para o trato com a performance, sempre fazendo leitura durante a aula, com destaque no aspecto teatral, reforçando a linguagem do corpo em movimento.

Reforçar para o aluno a importância dessa maneira de ler, pois em algumas situações alguém poderá declamar em voz alta para um público ouvinte.

Esta é uma boa oportunidade de mostrar a imagem ou um vídeo que representem o momento da exposição oral de um cordel feita por uma pessoa, o declamador, para um público, ressaltando que se trata de uma leitura que precisa lançar mão da performance.

É relevante que a continuação da segunda etapa aconteça no dia seguinte para dar ênfase nas características da performance. Nessa ocasião, pode ser revelado para os alunos os cordéis pretendidos para o trabalho. Aqui estamos usando como exemplo

Esta etapa acontece em dois dias. No decorrer das oficinas o professor pode que será prudente contextualizar o cordel em um dia e explicar sobre a performance no dia seguinte.

¹ Para haver maior interação, aconselhamos usar, em alguns momentos, uma linguagem menos formal.

os folhetos “O patinho feio na onda da internet” e “O forró dos animais”, ambos do cordelista baiano Antônio Barreto.

É válido ressaltar que para a escolha dos cordéis precisa antes haver uma análise do perfil da turma e as temáticas que certamente agradam aos alunos. Não é uma decisão aleatória baseada somente na intuição do professor, mas para corresponder os anseios dos alunos de faixa etária que estudam o 5º ano ou outros níveis de escolaridade.

Com os textos em mãos, é oportuno apresentar breves e pontuais dados biográficos do autor e discutir acerca da estrutura dos folhetos. Exemplo: “O patinho feio” é escrito em quadra, com estrofes que rimam no segundo e quarto versos, já “Forró dos animais” tem estrofes com seis versos, as famosas sextilhas.



Agora é o momento de abordar sobre a métrica e explicar que esse elemento é o que ocasiona uma leitura com ritmo.

Chega o momento de aprofundar sobre a leitura performática, esclarecer



melhor sobre o que se trata a *performance* – um acontecimento teatral no qual a voz e o corpo dão movimento ao texto. Cada leitura oral é um inédito acontecimento performático.

A Performance pode ser associada ao jogo, fato que seduz o leitor, esta característica performativa está na essência

comercial do cordel, sempre auxiliou o poeta vendedor que usava esse artifício oral e corporal para atrair a atenção do público consumidor em feiras livres.

É fundamental explicar e demonstrar, de forma oral, quão diferente é o leitor solitário, em seu quarto, lendo apenas para o próprio entender, do leitor que lê para uma plateia.



Nesse segundo caso é preciso lançar mão de uma voz com tom que alcance o público e uma linguagem gestual convidativa para a apreensão estética do cordel. Na leitura individual e silenciosa os elementos sonoros da poesia não são colocados em evidência como ocorre na leitura oral para um público específico.

No intuito de ampliar o conhecimento do aluno acerca do cordel e da performance, aconselhamos assistir junto com a turma a uma reportagem como a do Globo Rural¹ acerca da Literatura de Cordel. Ao passo que o vídeo avança, é importante destacar o elemento performático das leituras feitas pelos personagens e entrevistados. Ao fim do vídeo deve ser feita a provocação acerca da compreensão e envolvimento dos alunos com as abordagens.

Os estudantes, aos poucos, podem demonstrar mais interesse e compreensão em relação à temática, sobretudo no que se referia à leitura teatral.

Ainda dentro desta aula demonstrativa, o professor pode utilizar algum vídeo de grande circulação nas mídias sociais, como o da garotinha Samira Maria Macedo de Abreu² declamando o cordel sobre a lei Maria da Penha. A importância de um vídeo como esse reside no fato de se tratar de uma criança de faixa etária abaixo da dos alunos da prática pretendida, que consegue fazer uma leitura performática, compreensível e convidativa esteticamente.

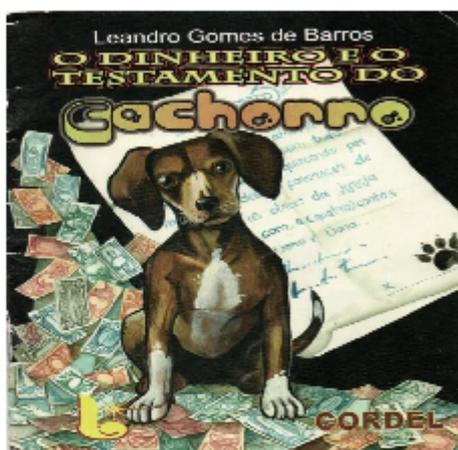
¹ <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ> <Acesso em 25/08/2019>

² <https://www.youtube.com/watch?v=1WLDjuHL658> <Acesso em 25/08/2019>

A partir desse momento, espera-se que os alunos já comecem a desenvolver maior simpatia pelo cordel, principalmente por meio da performance que é um acontecimento lúdico e dinâmico na leitura de um texto e isso é atraente para a criança. Lembrando que as etapas trabalhadas até o momento têm como intuito principal o desenvolvimento da compreensão do cordel e da performance. São oficinas que misturam o encaminhamento para a recepção estética do texto com a ampliação do conhecimento teórico e conceitual do cordel e da performance da voz e do corpo.

(III) PREPARAÇÃO

No quarto dia, a ênfase deve ser dada ao cordel *corpus* do projeto, “Forró dos animais”. O professor pode distribuir cópias do folheto em estudo para que cada leitor/aluno fique com um exemplar do texto. Assim começam as ações em torno da produção performática dos alunos.



Antes de ir ao cordel dos animais, é salutar expor no quadro a primeira estrofe de um cordel clássico, como “O testamento do cachorro”, de Leandro Gomes de Barro, para reforçar as análises estrutural da estrofe com seis versos. Após este momento de reflexão, começa a discussão quanto à leitura performática. Usando a própria performance, mostrar a diferença entre um leitor que ler em seu espaço

individual, de forma silenciosa e outro que faz uma leitura oral para um público, utilizando a voz num tom que possa alcançar os ouvintes. Pode perguntar em qual tipo de leitura se observa mais nitidamente a ocorrência da performance. Reforçar também que, para a performance acontecer, alguns elementos básicos precisam estar em jogo, tais como: voz do leitor (orador ou auditor) em alto tom, um público ouvinte/espectador e os movimentos corporais, como gestos e expressões faciais.

A completa performance pode acontecer na sala de aula, pois nela está o próprio espaço de atuação do declamador, esse pode ser o professor e/ou, principalmente, o aluno, os demais colegas atuam como público ouvinte, coator e coautor do momento performático.

Terminadas as considerações, é importante iniciar a exploração do texto *corpus*. O professor pode solicitar que algum aluno, de forma voluntária, leia uma estrofe. Quando os alunos lerem as estrofes, observar sobre quais alunos fizeram uma leitura com mais requintes performáticos. Aproveitando o momento, pode novamente esclarecer que a performance pode ser desenvolvida através de estudos e ensaios.

É chegada a hora do primeiro ensaio. O destaque será dado a leitura com pausa ao fim de cada verso para o aluno perceber como funciona o ritmo de leitura de um cordel. Espera-se que, aos poucos, os alunos notem que em uma leitura performática precisa respeitar o tempo e espaço de um verso ao outro. Além disso, precisa dar ênfase aos versos que rimam entre si para dar à leitura aspectos de musicalidade e teatralidade. Esses ensaios de forma coletiva precisam ser repetidos algumas vezes.

Após esse momento de trabalho coletivo, hora de perguntar aos alunos quem quer participar da leitura performática a ser filmada e transformada em um material audiovisual. Alguns alunos podem demonstrar timidez em participar, mas o professor pode argumentar sobre a importância da inclusão deles num projeto de leitura. Superada a fase de escolhas e aceitações dos alunos, deve dar início aos ensaios, cada aluno lendo sua parte do texto a ser trabalhado, formando assim o jogral performático.

É nessa etapa que começa o trabalho com o texto de forma mais dinâmica e lúdica, o que atrai o aluno a receber a mensagem de forma mais prazerosa. Esse primeiro ensaio tem o intuito de melhorar a performance da voz e os resultados são favoráveis para prosseguimento dos trabalhos.

No dia (ou encontro) seguinte, ainda dentro dessa etapa, o trabalho destaca a performance do corpo. Cada aluno declama sua estrofe e o professor observa o modo que usa as mãos e/ou corpo se movimenta.

Os participantes como declamadores se comportam de modo diferente na leitura

performática. A marca de individualidade é fator comum, cada pessoa apresenta performance diferente da outra, é um fenômeno que permite a

Essa etapa também acontece em dois dias.



19

participação coletiva, mas é um acontecimento único, individual, quando se leva em conta o auditor.

Neste momento do trabalho, é esperado que a maioria dos alunos já tenha memorizado sua estrofe. *No decorrer da segunda parte dos ensaios, os alunos podem melhorar gradativamente suas performances.*



Como as encenações poéticas acontecem no decorrer das aulas, todos os alunos participam.

Gargalhadas podem surgir nas execuções das performances dos colegas. O importante é que depois destes preparativos os alunos já podem estar prontos para gravar as performances com o uso do celular.

(IV) ACONTECIMENTO PERFORMATICO

É o momento certo de dividir as cenas e as imagens a serem produzidas no vídeo, mas o foco principal está na filmagem da performance das crianças. As gravações centram na voz e na ação corporal durante a declamação, isso porque corpo e voz parecem indissociáveis.



O cenário pode ser o mais natural possível, haja vista que, trata-se de uma oficina em sala de aula. Tem, de fato, que concentrar na performance da voz e a utilização do corpo dos alunos no momento de transmissão sonora da estrofe que cada um fica responsável.

As filmagens podem ser todas feitas com um celular para a imagem e outro para captar o áudio, principalmente se os trabalhos de capacitação das cenas ocorrem durante o horário normal das aulas, pois o som ambiente, certamente, pode interferir na qualidade performática, sobretudo, da voz.

A meta é sempre que ao fim do projeto os alunos envolvidos possam ter avançado na leitura, durante o processo das oficinas, principalmente durante os ensaios. Aconselhamos fazer acompanhamentos avaliativos a fim de perceber como cada discente se desenvolve. Com a



implementação da poesia na escola, por um viés estético, o aluno pode aprender brincando com as palavras, teatralizando, cantando e podendo perceber seu desenvolvimento nas gravações feitas no celular.

Com o material gravado pode se ter um produto pedagógico importante para outros professores seguirem os mesmos passos na construção de uma leitura performática, além de adaptá-lo para outras situações de leitura oral. Outro importante aspecto é que com o vídeo, após a assinatura de termos legais de permissão de uso da voz e imagem, os alunos e os professores podem divulgar o

trabalho em outras mídias digitais e/ou em eventos culturais, escolares e acadêmicos.

A edição das imagens é outra etapa do trabalho e tem que ser criteriosa. Indicamos o uso de aplicativos de celulares grátis como o *Kinemaster* para facilitar a aquisição e diminuir os custos com a prática.

VAMOS ENCERRANDO POR AQUI

Este tutorial foi pensado para o professor ter em mãos um material pedagógico para ser utilizado nas aulas de leitura. Pensamos na performance do cordel, essa deve ser desenvolvida e apresentada em sala de aula. Deve-se filmar o desempenho performáticos dos alunos. Pode haver alguns momentos ou etapas ultrapassem o tempo previsto nas orientações, além disso, o caro colega pode ampliar seus horizontes e adaptar para contextos diversos. O fato é que trabalhar com a expressividade durante a leitura do cordel é importante para preparar o aluno, pois esse, certamente, terá momentos em sua vida que necessitará de boa habilidade de expressão oral.

A prática a qual este tutorial se refere não tem somente influência no desenvolvimento da leitura oralizada. Durante as etapas das oficinas os alunos podem ampliar o conhecimento acerca do gênero que compõe o universo cultural da comunidade onde eles residem. Além disso, tem contato com atividades de leitura de forma lúdica, o que, de certo, pode ser decisivo na ativação do gosto de ler.

Concluimos, assim, que esta pesquisa pode alcançar variados resultados, com destaque para o desenvolvimento da capacidade de expressão oral e incentivo à leitura por um viés lúdico e dinâmico.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir com sua prática e torne suas aulas de leitura em momentos de prazer e ampliação do conhecimento.

Até breve.

CONSULTAMOS PARA NOS AJUDAR

ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Cordel para crianças: aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá na sala de aula. In; DEBUS, Eliane, BAZZO, Jilvania Lima dos Santos e BORTOLOTTI, Nelita. *Poesia (Cabe) na Escola: por uma educação poética*. 1. ed. Campina Grande: EDUEG, 2018, p. 49 - 66.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. Liga esse Celular! Pesquisa e Produção Audiovisual em Sala de Aula. *Gepiadde, Itabaiana*, v. 12, 2012. P. 94 - 117

_____. *Forró dos Animais*. Salvador: Vento Leste, 2017.

BARRETO, Antônio. *O patinho feio nas ondas da internet*. 8. ed. Salvador: Akadicadikum, 2009.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. São Paulo: Itatiaia, 1984.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Carlos Magno; CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva. A performance do cordel como prática de leitura literária. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*. v. 18, n. 1, 2016. Disponível em: . Acesso em: 18 abr. 2017.

MATOS, Edilene. *Literatura de Cordel: a escuta de uma voz poética*. *Habitus*. Goiânia, v. 5, n.1, p. 149-167, 2007.

MORAIS, Mario Ribeiro; DOMINGOS, Michele Moraes. A performance como estratégia de leitura de poesias. In. GOMES, Carlos Magno (org). *Crítica Cultural e Estudos Literários*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016, p. 302 - 3010.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folheto do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.

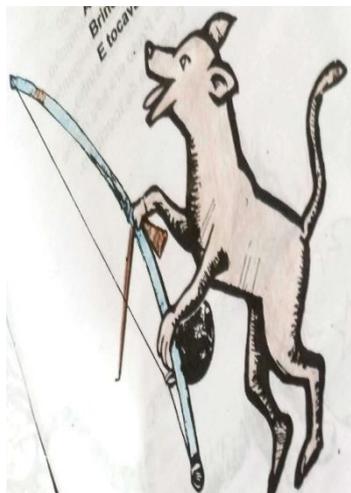
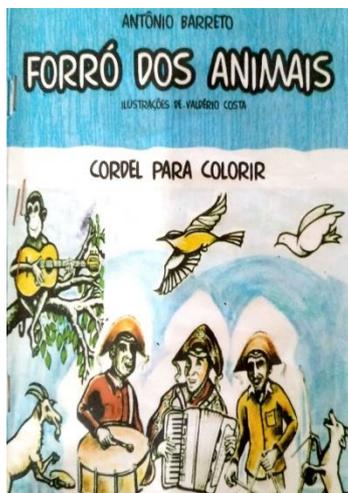
ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz. A "literatura" medieval*. Tradução de Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

_____. *Performance, Recepção e Leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Como escrever um tutorial. Disponível em <<https://pt.wikihow.com/Escrever-um-Tutorial>> Acesso em 25/11/2019.

ANEXOS

Anexo A

Ilustrações do folheto *corpus*

Anexo B



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: LEITURA DE CORDEL: performance na declamação de folhetos infantis

Pesquisador responsável: Rildo Vivaldo Teles

Orientador: Jeane de Cássia Nascimento Santos

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Local da coleta de dados: Escola Municipal Egídio Gonçalves de Souza

A pesquisadora do projeto _____ se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade do professor _____.

Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana, ____ de _____ de 2020

NOME DA EQUIPE EXECUTORA/ ASSINATURAS

Rildo Vivaldo Teles

Orientador

Jeane de Cássia Nascimento Santos

Anexo C



TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

Título do projeto: LEITURA DE CORDEL: performance na declamação de folhetos infantis

Pesquisador responsável: Rildo Vivaldo Teles

Orientador: Jeane de Cássia Nascimento Santos

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Telefone para contato: (75) 999743735

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, ____ de _____ de 2020.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA/ ASSINATURAS

Rildo Vivaldo Teles

Orientador

Jeane de Cássia Nascimento Santo



Anexo D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, aluno (a) do ____ ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Egídio Gonçalves de Souza _____, localizado no município de Cícero Dantas/BA, autorizo o professor _____ a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto _____, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe. Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Cícero Dantas, ____ de _____ de 2020.

Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, _____, residente na cidade de _____, no Estado da Bahia, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Cícero Dantas, ____ de _____ de 2020

Assinatura por extenso